

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**SENSIBILIDADE E FRUIÇÃO NA OBRA *TOTALIDADE E
INFINITO* DE EMMANUEL LEVINAS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Frederico Santos Ferreira

Santa Maria, RS, Brasil

2017

**SENSIBILIDADE E FRUIÇÃO NA OBRA *TOTALIDADE E INFINITO* DE
EMANUEL LEVINAS**

Frederico Santos Ferreira

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Área de Concentração em Fenomenologia e Compreensão, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Filosofia.**

Orientador: Professor Dr. Silvestre Grzibowski

Santa Maria, RS, Brasil.

2017

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Filosofia**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
Aprova a Dissertação de Mestrado.**

**SENSIBILIDADE E FRUIÇÃO NA OBRA *TOTALIDADE E INFINITO* DE
EMMANUEL LEVINAS**

Elaborada por
Frederico Santos Ferreira

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Filosofia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Silvestre Grzibowski, Dr. (UFSM)

Marcelo Fabri, Dr. (UFSM)

Marcos Alexandre Alves, Dr. (UNIFRA)

Santa Maria, 31 de março de 2017.

Ao Professor Silvestre Grzibowski, Dona Maria Catarina da Silva Ferreira, ao Senhor José Ademir da Silva Ferreira, e minha Esposa Taís de Castro Ferreira, em sinal de gratidão, amor, respeito e amizade.

AGRADECIMENTOS:

Agradecer primeiramente a Deus, o dom da sabedoria e o dom da vida. Ele a quem durante todos os anos me manteve fiel, uma fé ingênua, mas que motiva e alimenta a alma.

Agradecer minha família, minha mãe Maria Catarina da Silva Ferreira e meu pai José Ademir da Silva Ferreira. Ao meu sogro Cleri Santos de Castro e a minha Sogra Loreni de Fátima Lima de Castro.

Às minhas tias que fizeram um papel de mãe em minha vida, Rosane Maria Mello Hernandez, Terezinha de Lourdes Ribas dos Santos (in memoriam), e Maria Emerita de Lima Moreira (in memoriam).

À minha esposa Tais de Castro Ferreira, que mesmo do seu jeito soube me dar o incentivo na hora em que a angústia rodeava o meu pensamento. Aos meus irmãos Rodrigo, Luana, Eder e Dieruza pelo carinho incondicional e pelo amor fraterno.

Aos meus colegas do magistério gaúcho pelo apoio e incentivo e à direção da Escola Vicente Dutra de Júlio de Castilhos.

Ao meu orientador Silvestre Grzibowski, que me acolheu e me incentivou nos momentos de fraqueza e solidão. E com sabedoria e paciência soube colocar as palavras certas no momento oportuno. Que assim como eu, acredita nas pessoas e na educação que ensina. Vou levar do Senhor não só os ensinamentos, mas também a inspiração em acreditar que o mundo pode ser sim amado e que por mais que a humanidade seja falha é preciso acreditar nos nossos semelhantes e sonharmos com um mundo justo e feliz.

Aos professores e funcionários da UFSM, aos mestres da pós-graduação em Filosofia, em especial ao Professor Dr. Marcelo Fabri, Professor Dr. Jair Krassuski e Professor Dr. Marcos Alexandre Alves (UNIFRA).

Agradecer de coração ao Senhor Samuel Osmari que me abriu a porta da sua casa. Ao meu amigo Josimar Cassol, pois de forma recíproca nos ajudamos no decorrer da realização dos créditos do curso. Ao meu caro amigo Adriano Maslowski pelas caronas de Júlio de Castilhos a Santa Maria, onde o assunto era sempre sobre o pensamento levinasiano. Enfim, agradecer a todos pelo convívio em sala de aula, nos corredores do Prédio e nos intervalos para o café e debates, enfim, pelos ensinamentos compartilhados.

Sou grato de coração a todos e a todas pelo carinho e pelo cuidado.

Da Guerra a celebração do amor

(Frederico Santos Ferreira)

Ouçõ sons de tiros e canhões
Guerra de todos contra todos,
O homem lobo do homem,
Quem é o Senhor da guerra
e da morte?
Para quem empunho a arma?
Fruto do assassinato do outro.
O Guerra sangrenta
Que desconhece a singularidade e
o sofrimento humano.
Eu também empunhei uma lança,
Sem me questionar o por quê?
Perdido nas minhas convicções.

O inimigo me prendeu
Fui torturado e julgado pela minha
crença
Fiquei só e abandonado
Numa sela fria e sem alma.
Na solidão de um eu egoísta
Pura carne, corpo nu e indigente.

Onde erramos, onde errei.
Pensamento totalitário,
Que destrói e condena o diferente.
É preciso acreditar no humano.
Resgatar o que há de belo na vida.
Vida pra ser amada e
Não pra ser odiada
Amor tu surge da onde?

Sensação que me rasga alma,
Possibilidade da evasão do anonimato.
Sou pura exposição,
De um outro que me acolhe
Sou acolhimento e sou acolhido.
É tu, ó Ética que és filosofia primeira,
É tu, relação frente a frente,
Que promove a paz e não a guerra,
Paz fruto das vozes singulares
A vida que gera vida
Humanismo de outro humano
Que assume a humanidade como uma
dádiva, como um presente.
E convida a todos os povos convictos
das suas diferenças a celebrar
Na grande morada
O amor ao próximo.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

SENSIBILIDADE E FRUIÇÃO NA OBRA *TOTALIDADE E INFINITO* DE EMMANUEL LEVINAS

AUTOR: FREDERICO SANTOS FERREIRA

ORIENTADOR: SILVESTRE GRZIBOWSKI

Santa Maria, 31 de março de 2017.

O propósito desta dissertação consiste em apresentar o modo como Emmanuel Levinas (1906-1995) concebe o conceito de sensibilidade e fruição na obra *Totalidade e Infinito: ensaio sobre exterioridade* de 1961. Pretenderemos compreender seu movimento não-intencional, que toma a sensibilidade como elemento humano que anima a consciência, como intencionalidade da fruição. Desta forma, a condução da pesquisa vai ter como problemática a vida interior do sujeito levinasiano, ou seja, a sua imanência. Assim, precisaremos entender a crítica que o autor faz a filosofia baseada numa representação, na objetivação do conhecimento. O mundo em que vivemos não nos é dado como utensílio, mas como alimento, pois fruímos do mundo, a partir do viver de e não da consciência de, assim, a nossa relação com o mundo é uma primeira experiência de alteridade, pois, a necessidade do corpo, indigente e nu faz com que saíamos em busca da satisfação, do gozo que se dá pela boca. A valorização da ipseidade do eu que toma a afecção como construtora da subjetividade humana, definindo a sensibilidade, como elemento do sentimento e não da experiência. Logo, é preciso repensar a filosofia que se constitui a partir de um eu absoluto, filosofia do Mesmo, objetivação do conhecimento, para um saber filosófico que seja aberto, sempre atual, que valorize a presença sensível, junto aos elementos. Desta forma, deveremos compreender o ser humano como um sujeito separado, que frui no mundo, no puro egoísmo do eu, sujeito solitário e ateu, que se revela como sujeito único, sensibilidade sempre exposta à possibilidade da felicidade.

Palavras-chave: Levinas. Fruição. Sensibilidade. Separação. Representação.

ABSTRACT

Masters Dissertation
Graduate Program in Philosophy
Federal University of Santa Maria - RS

SENSIBILITY AND FRUITION IN THE WORK *TOTALITY AND INFINITY* OF EMMANUEL LEVINAS

AUTHOR: FREDERICO SANTOS FERREIRA

ADVISER: SILVESTRE GRZIBOWSKI

Santa Maria. March 31, 2017.

The purpose of this dissertation is to present Emmanuel Levinas (1906-1995) conception the concept of sensibility and fruition in the work, *Totality and Infinity: an essay on exteriority* of 1961. We will try to understand its unintentional movement which takes the sensibility as an element human being that animates consciousness as the intentionality of fruition in this way the conduction of the research will have as problematic interior life of the Levinasian subject, that is his immanence. Thus we need to understand the criticism that the author makes philosophy based on a representation, on the objectification of knowledge. The world in which we live is not given to us as a tool, but as food, because we enjoy the world, from living and not from the consciousness of our relationship with the world is a first experience, therefore, the need of the body, indigent and naked makes us go out in search of the satisfaction, the joy that comes from the mouth. The valorization of the selfhood of the self that takes the affection as the constructor of human subjectivity, defining sensibility as an element of feeling and not of experience. Therefore, it is necessary to rethink the philosophy that is constituted from an absolute self, philosophy of the same, objectification of knowledge, to a philosophical knowledge that is open, always current, that values the sensitive presence, next to the elements. In this way, we must understand the human being as a separate subject, which enjoys as a single subject, sensibility always exposed to the possibility of happiness.

Key-words: Levinas. Fruition. Sensibility. Separation. Representation.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	19
INTRODUÇÃO.....	23
CAPÍTULO I – FRUIÇÃO E AFETIVIDADE	27
1.1- Introdução	27
1.2- Mundo do gozo e fruição da vida	27
1.2.1- Viver de... fruição	28
1.2.2- O mundo é alimento	30
1.3- Necessidade	31
1.3.1- Necessidade e Fruição	32
1.3.2- Necessidade e corporeidade	33
1.4- Afetividade	35
1.5- Fruição e corpo	38
CAPÍTULO II – REPRESENTAÇÃO E SENSIBILIDADE	41
2.1- Introdução	41
2.2- Ruína da Representação	41
2.2.1- Fenomenologia e Intencionalidade	42
2.2.2- Consciência Intencional	44
2.2.3- Subjetividade e Sensibilidade	47
2.3- Fruição e Representação	49
2.3.1- Representação e constituição	50
2.4- Sensibilidade	55
2.4.1- Sensibilidade e fruição	56
CAPÍTULO III – FRUIÇÃO E SEPARAÇÃO	61
3.1- Introdução	61
3.2- Fruição e dependência	61
3.3- Fruição, Amor e vida	65
3.4- Fruição e Separação	69
3.4.1- Separação e heteronomia.....	73
3.4.2- <i>Ex Nihilo</i>	75
CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS	85

APRESENTAÇÃO

Por que estudar Levinas e trazer suas reflexões acerca da vida e do mundo da fruição? De onde surge a admiração filosófica ao filósofo franco-lituano? Sempre acreditei que as palavras são mais férteis se existir uma coerência entre o que penso e aquilo que faço e atuo. Levinas tem minha admiração, pois vivenciou os horrores da Segunda Guerra e a barbárie contra um povo, mesmo assim, ao sair do cativeiro, repensou a filosofia, para que a humanidade, no futuro não cometesse os mesmos erros. Tais erros, vinculados à filosofia do Mesmo, uma filosofia que racionalizou o outro, a partir de um eu. Puro domínio do outro, que se perdeu no anonimato do ser, filosofia universal, que não é questionada e nem repensada.

Ao escolher Levinas como o filósofo da presente dissertação, pretendo assumir também um pensamento filosófico que tem um compromisso com a ética e a construção de novos sujeitos protagonistas, de um mundo mais justo e fraterno. Como professor do quadro do magistério gaúcho, acredito na educação como uma ferramenta de transformação social. Assim, tenho a ética como filosofia primeira e a consciência que a sociedade é fruto de ações que incluem todos na conquista e na responsabilidade com seus direitos.

Levinas nasceu em Kovno, Lituânia em 1906. Na sua infância migra para Lituânia onde vivenciou a Revolução Russa. Aos 18 anos vai pra França estudar Filosofia em Estrasburgo, e assume tal país como seu lar. No ano de 1927 juntamente com seu colega Jean Hering inicia seus estudos sobre fenomenologia. Em 1928 e 1929, foi a Friburgo estudar com Edmund Husserl, onde neste mesmo período assistiu ao seminário de Heidegger. No ano de 1930, publicou sua tese de doutorado *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl* aos 24 anos de idade. Com esta tese Levinas introduz nos campos filosóficos franceses a fenomenologia Husserliana. Mesmo introduzindo a filosofia fenomenológica, teve seu reconhecimento tardio nos centros de filosofia. Porém, sempre se manteve fiel às questões propostas, desde o seu livro *Da Evasão*, busca sair do anonimato, da filosofia do mesmo, não caindo num racionalismo fechado em si mesmo. É importante compreender que a produção filosófica de Levinas se dá em três períodos, ou fases da vida do autor. Num primeiro momento entre os anos de 1929 -1951, seu interesse filosófico está centralizado na compreensão da fenomenologia de Edmund Husserl e Martin Heidegger um exemplo

deste período é sua obra *Descobrendo a Existência em Husserl e Heidegger* onde reúne pesquisas referentes a tais filósofos. A segunda fase, período que vai de 1952-1964, é caracterizado por obras que expressam o seu caráter pessoal, onde dá origem a sua mais importante obra *Totalidade e Infinito: ensaio sobre a exterioridade*, na qual o filósofo anuncia o seu pensamento original, assumindo a ética como filosofia primeira e sua crítica ao pensamento absoluto. Em fim, na sua última fase, ou seja, no terceiro período, o autor assume a maturidade do seu pensamento, pós as críticas a sua obra *Totalidade e Infinito* principalmente vindas de Derrida, Levinas reafirma o papel da ética na construção de uma filosofia, que não seja fechada em si mesma e que repense a construção do humanismo do homem, suas obras mais importantes neste período são *O humanismo do outro homem* e *Outro que ser ou para além da essência*.

O reconhecimento filosófico tardio fez Levinas tornar-se um dos filósofos mais conhecidos e estudados na atualidade, o seu pensamento é vasto e há muito a ser explorado, pois suas posições e conceitos filosóficos nos dão base a novos horizontes de pesquisa. Mesmo na América Latina, onde influenciou na *Filosofia da Libertação*, o campo de pesquisa é vasto, vários setores das ciências humanas e até das ciências biológicas, estão descobrindo o quanto é encantador entrar na filosofia que busca dar um novo sentido à humanidade e até mesmo a formação humana.

Mas, por que Levinas ainda desperta tanto interesse e admiração e suas ideias continuam vivas e gerando frutos no campo do saber? Penso que por três motivos, sendo: Em primeiro lugar, Levinas fez duras críticas à filosofia do Mesmo, a um racionalismo fechado em si mesmo, isto é, o absolutismo racional e o pensamento totalizante, se desgastaram depois dos horrores da Segunda Guerra Mundial. Então, ele propôs uma nova forma de fazer filosofia, baseada na corporeidade, na singularidade valorizando a subjetividade, e um ser único. Um ser que não é fechado em si mesmo, mas que é aberto à alteridade e ao acolhimento do outro.

Num segundo momento, Levinas propõe a evasão do anonimato do ser, construindo pós-segunda guerra um ser que busca valorizar sua vida interior, ou seja, a subjetividade, de um ser que se constrói como humano. Ou seja, não basta somente repensar a filosofia, é preciso repensar o conceito de humano. Quem é o homem, que foi capaz de levantar armas para o outro, sem se questionar o porquê? Campo fértil de debates que nos proporcionam reconduzir o sujeito à construção de um humanismo de outro homem.

E por fim, inverte a abordagem da ontologia, da filosofia primeira, não como estudo do ser, mas da ética. Esta relação com o outro vai direcionar todo o pensamento levinasiano que vai trazer o elemento do Rosto, como aquele elemento que não pode ser reduzido a uma ideia, a um conceito. Percebe-se, que se tornou um campo vasto de debates, já que a comunidade num todo está preocupada com o futuro da humanidade e sua relação com o mundo e principalmente com os outros povos. É preciso resgatar a ética, afirmando que somos seres de relações, que nos constituímos e nos tornamos humanos na relação frente a frente.

Como entender Levinas a partir da sua compreensão filosófica do método fenomenológico? Como compreender sua apropriação do conceito de intencionalidade e sua constatação do movimento não-intencional? Levinas é um filósofo que tem como método filosófico a fenomenologia. Por trás de seus escritos existem aspirações husserlianas, que fazem nosso autor retomar um novo olhar para a crítica à representação iniciada por Husserl. Um de seus objetivos filosóficos é a afirmação de que a representação está permeada de um idealismo vazio e precisa ser repensada a partir da intencionalidade da fruição.

Levinas percebe que a ideia de representação defendida pelos modernos, ora dava primazia ao objeto, ora ao sujeito, elaborando um conceito fechado em si mesmo. Assim, se faz necessário repensar a partir de um novo rigor filosófico, a consciência do sujeito que seja pura e não esteja contaminada de objetivação e de teorização. Logo, ele percebe que existe um elemento que anima a intencionalidade do sujeito, que não pode ser de modo algum representado. Levinas compreende que esta qualidade puramente humana é a sensibilidade. Portanto, estudar a sensibilidade como fruição é compreender que tem um método filosófico rigoroso, que busca compreender o humano na sua imanência, mas que tem dentro de si esta vocação natural para abertura para outro, Rosto.

Como professor de filosofia do ensino médio, acredito que o pensamento Levinasiano é uma abertura para rever o Ensino da Disciplina de Filosofia, através da realização de questionamentos em sala de aula, pois é importante criarmos uma sociedade que assuma a ética como filosofia primeira. A sensibilidade, a vida da fruição, o viver de, devem ser conteúdos da vivência dos alunos, que precisam repensar os limites do conhecimento humano, e o sentido do seu existir no mundo. Os valores como Outrem, frente a frente e rosto, devem questionar as relações humanas existentes no ambiente escolar, para que possamos criar uma comunidade escolar engajada na

transformação social. Logo, ler Levinas e trazer suas ideias para realidade do ensino público é acreditar que somos protagonistas de um mundo mais humano, gerador de paz e de justiça social. Como professor do Ensino Público do Magistério do Rio Grande Sul, acredito que a escola é um lugar de vivências e que podemos sensibilizar os alunos, para o acolhimento e hospitalidade do Outrem.

INTRODUÇÃO

A proposta da dissertação do mestrado é apresentar o tema da fruição e da sensibilidade em Emmanuel Levinas (1906-1955). Conceitos essenciais para compreensão da sua filosofia. Para tanto, é preciso compreender a construção subjetiva do sujeito, a sua vida interior, ou seja, sua singularidade. Tomando como leitura a obra *Totalidade e Infinito*, ou mais incisivamente a *Seção II – Interioridade e Economia*, compreendendo assim, a construção do sujeito imanente, aberto para o acolhimento ao Outrem, a partir da sensibilidade. Procurando elucidar “a ideia de que o sentido de transcendência em Levinas só pode começar a partir da corporeidade dos homens, isto é, pelo caráter corpóreo e sensível da existência.” (FABRI, 1997, p.56). A preocupação da pesquisa é compreender a vida singular, o egoísmo do eu, que frui no mundo. A importância desta tarefa está no objeto de estudo que é a Intencionalidade como fruição, como a *reversão* do movimento intencional do saber, para que o sujeito a partir da sensibilidade se torne acolhedor e hospitaleiro do Outrem, da transcendência do Rosto.

Assim, num primeiro momento da pesquisa, busca-se compreender a intencionalidade, como viver de, isto é, como fruição. O mundo não nos é dado como utensílio, mas como alimento, como uma alegria de viver, ou seja, estamos no mundo e ele é que nos dá o alimento através das sensações, para gozarmos no mundo, é uma primeira experiência da transcendência. Mas por que saímos de nosso aconchegante interior e nos arriscamos no mundo? Por necessidade, o ser humano tem necessidades, pois o nosso corpo, nu e indigente tem limitações, que nos fazem caminhar em busca de sua satisfação, a fome nos fala, nos guia mesmo antes de termos consciência da sua teorização. O corpo nos dá a dimensão da posição no mundo é ele que define o egoísmo da fruição. E por fim, Levinas ressalta que a ipseidade do eu que frui no mundo, é do campo da afetividade e não da experiência.

Na segunda etapa da pesquisa, investiga-se sobre o conceito de representação e sensibilidade, revê-se apropriação de Levinas ao conceito de Intencionalidade de Husserl e sua crítica à consciência de, afirmando que essa está fundada na representação, ou seja, é preciso repensar a intencionalidade a partir de um elemento que não possa ser objetivado. Assim, Levinas toma a sensibilidade como elemento humano que anima a consciência e não pode ser compreendido na sua totalidade. Logo,

o trajeto que tomaremos no capítulo é analisar o artigo *Ruína da Representação*¹, onde o autor expressa sua admiração ao seu mestre, mas pontua alguns tópicos que farão parte das suas reflexões filosóficas futuras. Mas, como se dá o conhecimento filosófico sem objetivação? Pretende-se mostrar que a preocupação de Levinas está em revelar que o saber não pode ser constituído a partir de um eu absoluto, indiferente ao outro e ao mundo, que a constituição do saber é atual e aberta a novas possibilidades de saberes. E ainda entender a Sensibilidade, como o elemento da não-intencionalidade que promove esta nova consciência no sujeito, que questiona os limites do conhecimento humano, o resgatando do anonimato do ser.

No terceiro capítulo, por fim, busca-se compreender a fruição que se dá num sujeito separado, solitário e egoísta. A vida interior do sujeito que acolhe o outro, e toma a alteridade como um valor se dá num sujeito livre, que construiu a sua liberdade, a partir do viver de, e da sua fuga do anonimato do ser. Levinas define a singularidade do ser como separação, afirmando que somos únicos, e a felicidade no ser é uma fruição individual e subjetiva. Analisa-se também, que a vida é a gratuidade da existência, que o amor à vida se encontra na própria alegria de viver, que a felicidade é algo presente em cada ser, pelo fato de existirmos.

É importante que o leitor ao ler a dissertação esteja ciente que há em Levinas uma abordagem que nos parece num primeiro instante “dúbia”, “contraditória”, pois ao mesmo tempo em que pretende construir um sujeito separado, egoísta, ele afirma que este mesmo sujeito tem necessidade, pois existe uma dinâmica entre a vida interior e a exterioridade. O sujeito levinasiano é constituído a partir de uma imanência que não é fechada em si mesmo, mas tem em si uma pré-disposição natural para acolhida da alteridade. Pois, para que não sejamos surpreendidos pelo pensamento totalitário precisamos sermos vigilantes e abertos para novos saberes, constituídos a partir da sensibilidade como fruição. A própria felicidade para Levinas traz consigo esta relação

¹ É importante ressaltar que tal artigo foi elaborado por Levinas ao periódico filosófico *Phaenomenologica 4*, em homenagem ao centenário de nascimento de Edmund Husserl 1859-1959. Este trabalho é de extrema importância para compreender as aspirações existentes na leitura levinasiana de Husserl, sendo citada na sua mais importante obra **Totalidade e infinito**: ensaio sobre a exterioridade. Tradução: José Pinto Ribeiro. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 2008, p.15. Comprovando sua admiração a intencionalidade e os horizontes que este método fenomenológico proporciona. Assim Levinas descreve que este método vai ser utilizado para realizar sua crítica ao conceito de Totalidade, nos diz que: “A análise intencional é a procura do concreto. A noção tomada sob o olhar direto do pensamento que a define, revela-se entretanto implantada, sem que o pensamento ingênuo o saiba, em horizontes suspeitados por esse pensamento; tais horizontes emprestam-lhe um sentido – eis o ensino fundamental de Husserl”. Logo, são estes horizontes que vão direcionar o pensamento Levinasiano tomando a intencionalidade como fruição, sensibilidade, refletindo sobre o verdadeiro sentido do saber.

sempre viva entre o eu e a exterioridade, pois ao mesmo tempo em que somos felizes por estarmos no mundo, precisamos de uma força vital, interior para construirmos a nossa felicidade. Assim, é importante ao ler tal pesquisa perceber este dinamismo existente na constituição da subjetividade levinasiana.

Logo, o objetivo principal da pesquisa é entender a nova compreensão da intencionalidade de Levinas a partir da fruição e da sensibilidade, tomando como objeto de estudo a vida interior do sujeito na sua imanência, ou seja, um novo olhar a constituição da racionalidade humana. A hipótese da pesquisa é que Levinas toma a sensibilidade como a *reversão* do movimento intencional, pois esta não pode ser representada ou objetivada, a sensibilidade questiona os limites da razão humana, mas também, valoriza a subjetividade humana e sua singularidade.

CAPÍTULO I – FRUIÇÃO E AFETIVIDADE

1.1 – Introdução

Neste primeiro momento, buscaremos compreender a reflexão de Fruição no pensamento de Levinas que tem como título Fruição e Afetividade. Assim, primeiramente tentaremos demonstrar o mundo gozo, isto é, crítica Levinasiana sobre a ideia de utensílios de Heidegger, bem como a definição do viver de, como fruição. Logo, este estar no mundo não se dá num ser jogado, mas num ser que goza e vive no mundo. Assim, refletiremos sobre o *mundo como alimento* em Levinas, pois as coisas não se dão como objetos, mas como alimento, a primeira alteridade do mundo se dá pela boca, pelo sabor, de um sujeito que está no mundo e é alimentado pelo mundo. Mas como se dá esta busca pelo alimento? Segundo Levinas, pela *necessidade*, não pelo aspecto negativo, mas como um elemento necessário para que o sujeito busque a realização do seu gozo e de sua felicidade. Assim, vamos mostrar que a necessidade, é uma condição vital para que o homem construa o seu estar no mundo, ou caminhe em direção a sua felicidade. É importante ressaltar que a necessidade será abordada a partir do tópico *fruição e necessidade e necessidade e corporeidade*. Tentaremos também, demonstrar que Levinas descreve que a fruição pertence ao campo da afetividade e não da experiência. E por fim, trazer o tópico sobre *Fruição e Corpo*, em que a fruição se dá num corpo nu e indigente e que nos dá nossa posição no mundo. Desta forma, perceber que Levinas quer ter um olhar positivo ao conceito de corpo, objeto e mundo.

1.2 Mundo do gozo e fruição da vida.

Para compreendermos o itinerário filosófico de Levinas é preciso refletir sobre a sua concepção de fenomenologia e sobre o resgate de conceitos que ele toma de Husserl e de Heidegger. Assim, se faz necessário compreender a sua crítica ao mundo dos utensílios e do movimento intencional que prima da consciência de, buscar de forma sincera um elemento humano que não esteja permeado de representação.

Levinas toma o mundo da vida como a intencionalidade mais realista “viver **transitivamente** é viver dos conteúdos da vida – viver isto viver aquilo – como objetos ou complementos diretos **da vida**, conteúdos que fazem viver e fazem a alegria de viver e assim, plenificam a vida” (SUSIN, 1984. p. 34, grifo do autor). Logo, viver a vida é saciar dos seus próprios conteúdos, fruir, gozar o mundo é assumir a vida na sua essência pura, sem representações, idealizações que estão aquém do seu próprio viver.

1.2.1- Viver de... fruição²

O eu se constitui nesta relação com o mundo, porém o Dasein³ heideggeriano é um ser jogado condicionado por uma queda, já Levinas quer desenvolver um modelo filosófico positivo sobre a existência humana no mundo e tal olhar positivo do humano se dá através da relação de gozo com o mundo, onde nasce o eu, a subjetividade. “**A relação primeira ao mundo é uma relação de gozo e de alegria de viver** (jouisement), uma “fruição” do mundo na “fricção” ao mundo, gozo que comporta também a surpresa, o perigo e a dor” (SUSIN, 1984. p.35, grifo do autor). Entender a subjetividade levinasiana significa compreendê-la a partir de um eu que se encontra no mundo, não como um ser caído, jogado, mas como um ser que se alimenta que frui do espetáculo que é a própria vida.

Na constituição do eu⁴, na vivência da própria vida, o humano não tem domínio dos conteúdos dela, pois “viver não é meio de vida e nem uma finalidade de vida”

² O termo original em francês é Jouisement ou jouissance que pode ser traduzido para o português, como gozo, fruição ou alegria de viver. Decidimos usar no trabalho dissertativo o termo Fruição para acompanhar a tradução utilizada da Obra *Totalidade e Infinito* que é a tradução portuguesa. Porém, em momentos utilizaremos o termo mundo do gozo, ou fruição da vida.

³ SANTOS, Luciano Costa. **O Sujeito Encarnado:** a sensibilidade como paradigma ético em Emmanuel Levinas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009, p. 38-39. “Remetendo ao parágrafo 9º Levinas lembra que o *Dasein* é aí posto como *Jemeinigkeit*, “o que tem de ser”. A “obrigação de ser”, indicada no termo alemão, é de tal modo direta que “se torna minha”. Assim o *Dasein* faz-se se mesmo, eu (Ich), a partir dessa sujeição a ser, desse ser-entregue-a-ser ou *Ausgeliefertheit*. Ou seja, o *Dasein* “está tão entregue ao ser que o ser é seu” (...) no *Dasein* a auto-referência se chama eu. Este é auto-suficiente: não depende de nenhum outro para ser, é por si mesmo e por inteiro; basta-se. O eu, contudo não é mero conteúdo de ser, identidade, mas obra ou destino de ser – identificação”. (Grifo do autor)

⁴ Alves descreve no livro **Desejo:** sentido originário e consciência ética no pensamento de Levinas.[recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016, p.49: “A estrutura ou a constituição do eu não é determinada pela reflexão, pelo conhecimento, pela oposição ao outro, nem mesmo pela representação da exterioridade, mas pela abertura ao mundo cuja a relação é estabelecida através da fruição. Neste gozo do mundo, Levinas vê uma espécie de sinceridade, isto é, um viver que caracteriza o si mesmo. O primeiro contato com a realidade do mundo se dá mediante a fruição como viver de... e não

(Levinas, 2008. P 100). Na fruição, busca-se compreender como se dá esta relação com o mundo, como o eu toca esta realidade e de alguma forma se afirma como “interioridade”, pois segundo Levinas, quando realizamos o ato de nos alimentar estamos satisfazendo uma necessidade particular, que a vida alimentada o meu próprio gozo. Todo prazer, toda alegria é alimentação, assim como toda tristeza é sofrimento. A fome como necessidade não diminui a natureza humana, mas ajuda de forma sincera a constituí-la, ou seja, uma relação mais verdadeira com o próprio eu.

Devemos compreender que a fruição não é uma simples tomada de consciência, viver a vida, é viver ao mesmo tempo os seus conteúdos é ipso facto, não há uma separação entre os conteúdos e a própria vida. Levinas busca demonstrar que este sujeito é um ser de relação e é esta relação que vai preencher a própria vida. As nossas necessidades, a fome nos faz caminhar, assim, mesmo o sofrimento como a felicidade são elementos que constituem a nossa existência. “Não se existe apenas na sua dor ou na sua alegria, existe a partir de dores e alegrias” (Levinas, 2008). O mundo é um misto de sensações que vão dando sabor ao nosso existir, sabor sempre renovado pela fruição, é pela vida que alimentamos o nosso viver no mundo.

A fruição está presente na própria presença do ser humano no mundo, o sujeito é um ente feliz no ser, ou seja, já é feliz por existir, a existência não é um peso, ou uma infelicidade, mas nos proporciona a própria alegria de viver. Compreende-se então, que viver de pão, não é simplesmente representar e agir sobre o pão, mas é preciso também ganhar o pão, trabalhar para conquistar o pão de cada dia, isto é, conteúdos da vida, alimentos do existir. E este trabalho é a ação que nos completa, pois segundo Levinas “por que ele preenche alegria ou entristece a vida” (Levinas, 2008. P, 102). Um novo sentido e um novo olhar a concepção do trabalho, que deixa de ser sacrificante enraizado na totalidade do mundo Neoliberal, mas que nos transforma à medida que nos preenche e nos valoriza como humanos.

A vida, para Levinas não precisa de projetos estruturais, a vida nos fala, a vida é bela, tem em si mesma o próprio encantamento do existir humano. Susin no seu livro *Homem Messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*, afirma que a vida não precisa de superestruturas, pois o simples fato de estarmos no mundo nos proporciona uma alegria de, um viver de. As condições, os elementos tornam-se alimentos e conteúdos dessa vida “A vida é amor da vida – relação com conteúdos que

a partir da consciência de... . Antes do eu pensar ou estabelecer uma relação ao mundo através da estrutura do saber, esta relação se efetiva via sensibilidade e fruição”.

não são o meu ser” (Levinas, 2008. P, 103). Vida que condiciona a própria vida, vida que não é representada, objetivada, mas que é vivida, que nos proporciona uma alegria, um prazer pela gratuidade de nossa existência, não como um fardo, ou um projeto que pode ser planejado, fruto de um intelectualismo que não toma por completo sua essência, pois é a própria vida que faz o seu preço, o seu valor. E seu único “projeto” é a felicidade. “a felicidade não é um acidente do ser, pois o ser arrisca-se pela felicidade” (Levinas, 2008. P, 104). Ser feliz é o único projeto do ser no mundo, a vida singular do eu, tem como missão uma vocação natural à felicidade.

Logo, viver na fruição não é representá-la, mas vivenciá-la, viver é “Aquilo que faço é aquilo que sou é, ao mesmo tempo aquilo de que vivo” (Levinas, 2008. P, 104). Antes da teoria e da prática há na fruição, o egoísmo da vida, que define a subjetividade do eu, interioridade sempre egoísta da sensação que define a fruição como felicidade. “O gozo possui seu modo próprio de intencionalidade, implicado com a felicidade, com o próprio bem” (SUSIN, 1984, p, 36). A felicidade é o elemento sempre presente na intencionalidade do gozo, é a realização do próprio bem, ou seja, o visar da intenção na vida interior do sujeito tem nela a concretização da sua presença no mundo.

A composição do conceito de fruição em Levinas está intimamente ligada ao conceito de felicidade, um ser feliz no ser, uma primeira plenitude. Toda atividade humana no mundo visa à felicidade, o eu que se relaciona com os elementos e com outro busca a realização do seu ser feliz. A fruição marca um ser independente, não há uma continuidade um começo e um fim, pois “a felicidade chega pela primeira vez” (Levinas, 2008. p, 104). Assim, o autor quer propor que a subjetividade tem sua essência na independência e soberania no mundo da fruição, no egoísmo da vida e que a experiência da felicidade é algo subjetivo, pessoal e sempre atual,

1.2.2- O mundo é alimento:

Segundo Susin, “a primeira intencionalidade se liga ao sabor e ao mundo como alimento” (SUSIN, 1984, p. 36). Esta afirmação ressalta a mais bela intuição do filósofo lituano que o mundo nos é dado como alimento e não como objeto. A primeira relação no mundo se produz na boca. Todos os elementos que nutrem a vida humana (como a boa sopa, a boa música, o lazer...), são alimentos que ao serem saboreados vão dando

solidez e volume a vida. “A boca pode ser tomada, pois como primeiro “ser-no-mundo”. O movimento primeiro se faz com a boca quando os olhos estão fechados sem “saber””. (SUSIN, 1984, p. 36). Ao elevar a boca e o alimento a categorias existenciais, Levinas quer mostrar que a vida tem sabor. Que a tradição filosófica sempre valorizou somente o sentido da visão e esqueceu os outros sentidos, resgatar o sabor do mundo é valorizar os sentidos na sua grandeza.

As coisas, os objetos, não são meios de nutrição, mas constituem, proporcionam um alimento para a felicidade e despertam no humano o prazer de viver. A dimensão corpórea nos dá a posição no mundo, mas também a interioridade do eu, o eu que goza no mundo, sem preocupações e sem referência a nada, gratuidade da existência eis a concepção de humano. “O mundo corresponde a um conjunto de finalidades autônomas que se ignoram. Fruir sem utilidade, em pura perda, gratuitamente, sem remeter para mais nada, em puro dispêndio – eis o humano”. (LEVINAS, 2008, p.125).

A alegria do alimento encontra-se na possibilidade de consumi-lo e consumá-lo, no seu sabor que alimenta a interioridade “o “mundo do consumo” é mais fundamental do que o mundo do trabalho ou o do saber, e o gozo dos elementos é mais sincero do que o manuseio dos utensílios ou a busca da verdade” (SUSIN, 1984, p. 37). A fruição é a relação mais sincera com os elementos, a primeira moral é a busca dos alimentos, mas também é primeira saída de si, pois o mundo é a primeira experiência de alteridade.

1.3- Necessidade

Aqui apresentarei a necessidade, conceito este importante para compreender a fruição, mundo do gozo. Pois, se o mundo nos é dado como alimento, por que temos a necessidade? A necessidade é “momento negativo e necessário à felicidade e o gozo, surge no retardo da fome” (SUSIN, 1984, p. 38). É o elemento que dará pulsão à satisfação como uma tensão. As coisas de que vivemos não nos escravizam, mas são frutos da nossa fruição. “O ser humano compraz-se nas suas necessidades, é feliz com suas necessidades”, (LEVINAS, 2008, p, 105). Logo, a privação está ligada a uma primeira fruição, antes de satisfazer a fome há um prazer, uma felicidade que se dá na ausência do alimento. É o corpo, que frui e que fala, como necessidade como busca de satisfação.

A privação esta ligada à plenitude, pois já há um contentamento antes mesmo de ocorrer à satisfação da fome. Para Levinas, o prazer e a felicidade começam no próprio instante da fome, da privação, remetendo a uma pulsão em busca da satisfação. E uma vez satisfeita a necessidade e terminado o gozo, volta-se novamente a si mesmo. A necessidade segundo Levinas, surge como modo através do qual o eu é reconduzido a si mesmo mediante o mundo. Portanto a relação da fruição é a primeira saída de si em busca de assimilação, e após a consumação, há um retorno a si novamente satisfeito. (ALVES, 2016, p.53).

A necessidade é fruto de uma privação, mas também é prazer e felicidade, uma força vital que anima a fruição, é por ela que somos reconduzidos ao mundo. Desta forma, a relação de fruição é primeiramente uma saída de si (fome), em busca de uma assimilação, logo depois da satisfação, existe um retorno novamente a si, satisfeito (saciado). Descreve Susin, “Está é a primeira bondade da vida que tem o **eu** indigente como centro de um mundo que o nutre e o plenifica”. (SUSIN, 1984, p. 38. grifo do autor). A intencionalidade da fruição é a bondade da vida, é o corpo, nu e indigente que alimenta e nutre a minha vida interior, que me concebe como singularidade.

1.3.1- Necessidade e fruição:

A fruição é uma experiência finita puramente humana, é uma particularidade da sua própria natureza, nos tornamos humanos à medida que fruímos no mundo, alimentamos a vida na própria vida da fruição. O sujeito levinasiano que se encontra no mundo tem na fruição “uma independência *sui generis* a independência da felicidade” (LEVINAS, 2008, p, 105). A felicidade⁵ é uma peculiaridade do homem, que tem no mundo o seu lar, sua morada, não é uma facticidade de um ser jogado, mas segundo o autor, a fruição no mundo num sentido original da vida, pois “Viver é fruir da vida” (LEVINAS, 2008, p, 105). A vida é sentimento, afetividade, que ao despertar da sua objetivação, do seu enraizamento na filosofia ontológica, nos dá a felicidade como

⁵ O que caracteriza o homem feliz? Segundo Susin, afirma no seu livro **O homem messiânico**: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984, p. 39. “A solidão e o egoísmo são as características do homem feliz que goza o mundo. Viver dos elementos não é entrar em relação pessoal com eles: é nutrir-se deles. O **eu** tem o mundo a sua disposição como alimento e o encerra no seu egoísmo. De acordo com nosso autor, não se trata ainda de uma questão moral. É um egoísmo estrutural necessário ao nascimento do **eu**, anterior a qualquer problema de consciência”(grifo do autor).

consumação da nossa nutrição, tal alimento tem sua origem no mundo. “A felicidade é realização” (LEVINAS, 2008, p, 106). A felicidade é um elemento importante, para compreender a ipseidade do eu, do viver de “porque a vida é felicidade é pessoal” (LEVINAS, 2008, p, 106). É singularidade, particularidade da fruição. O eu goza o mundo, mas também é feliz no mundo. A fruição define um eu, separado, que atua no mundo a partir de sua vida interior.

1.3.2- Necessidade e corporeidade

Como vimos anteriormente a necessidade é a primeira saída de si, mas ao mesmo tempo é a primeira dependência com relação ao outro. Tal dependência não exclui o mesmo, somente há uma suspensão ou adiamento da dependência, criando assim, “a possibilidade, pelo trabalho, economia, de quebrar a própria pauta de alteridade de que depende a necessidade” (LEVINAS, 2008, p, 106).

A essência da necessidade se encontra na própria necessidade, isto é, só podemos compreendê-la a partir de uma ruptura entre o homem e o mundo, tal afastamento é necessário para a dinâmica sempre atual da intencionalidade da fruição. O eu que frui no mundo, quando livre de toda uma carga ontológica (filosofia do ser) e totalitária, consegue compreender a necessidade como um elemento importante para a libertação do pensamento filosófico constituído a partir do Mesmo. Surge assim, a subjetividade de um ser necessitado, porém liberto, desenraizado do anonimato do ser. Onde se dá a articulação da necessidade que toma o mundo como alimento? Na dimensão corpórea do sujeito, pois é o corpo que articula e supera a alteridade, criando de modo pessoal as minhas vivências, o meu viver de...

Ter frio, fome, sede, estar nu, procurar abrigo – todas essas dependências em relação ao mundo, tornadas necessidades arrancam o ser instintivo às anônimas ameaças para constituir um ser independente do mundo, verdadeiro sujeito capaz de assegurar a satisfação de suas necessidades, conhecidas como materiais susceptíveis de satisfação. (LEVINAS, 2008, p, 107).

As necessidades tomadas como alimento, tornam o sujeito capaz de satisfazê-las, através do trabalho, pois elas estão em meu poder, me constituem como eu e não são dependentes do outro. “O corpo é a própria posse de si pela qual o eu, liberto do mundo

pela necessidade, consegue superar a própria miséria da superação”. (LEVINAS, 2008, p, 107). É importante ressaltar que as necessidades devem ser reconhecidas como necessidades materiais, pois são passíveis de realização. Pois, no âmbito do espiritual abre-se ao conceito de Desejo, entretanto, não trabalharemos esse tema nessa dissertação. A necessidade está associada ao egoísmo, a solidão, sendo o primeiro movimento do eu, na constituição da subjetividade. O corpo é a posse que nos constitui em nossa singularidade, que nos faz evadir do anonimato, nos resgatando de um pensamento universal do puro idealismo vazio.

É preciso elucidar que existe na filosofia de Levinas uma diferença sobre o conceito de desejo e necessidade⁶. Necessidade se dá na dimensão do real, você compreende o outro na ação no mundo. Já para o desejo, segundo Levinas, não há saciedade “mas futuro sem balizas” (LEVINAS, 2008, p, 108). Porém, a necessidade humana contém o desejo. Através do trabalho a necessidade consegue transformar o outro e a alteridade em si mesmo, em forças do eu. Pois, existo como corpo que trabalha “e é assim que ser corpo é tempo no meio dos fatos, ser *eu* vivendo ao mesmo tempo e no outro.” (LEVINAS, 2008, p, 108), constituição do meu eu, da vida interior. Levinas define que o corpo nos proporciona esta ambiguidade de ser ao mesmo tempo eu, subjetividade egoísta e solitária, mas também, abertura, alteridade para o mundo, para outro, fruto da revelação da distância. O outro ajuda a superar a fragilidade da felicidade instantânea. Portanto, “é a relação com Outro – que se inscreve no corpo com sua elevação – que torna possível a transformação da fruição em consciência e trabalho” (LEVINAS, 2008, p, 108). É o exercício da alteridade inscrita na carne que permite a consciência da fruição, felicidade, puro exercício da relação frente a frente, do eu que se liberta do condicionado, do pensamento mórfico que propõe a partir do corpo nu e indigente uma sabedoria viva.

⁶ “Levinas distingue duas tendências presentes no homem (Desejo e necessidade): “O Desejo é uma aspiração animada pelo Desejável; nasce a partir do seu ‘objeto’ é revelação. Em contrapartida, a necessidade é um vazio da alma, parte do sujeito”. Há uma diferença entre a tendência que visa à satisfação (necessidade ou fruição) e o Desejo que vai além das satisfações. É mediante esta segunda tendência que se torna possível entender que a metafísica é uma forma de transcendência. Mas tal distinção não é excludente, isto é, a ideia do Desejo não desqualifica nem priva de sentido a fruição. Mas ainda, a fruição, na medida em que determina as relações que se estabelecem no seio do Mesmo, descreve o intervalo da separação. A alteridade de Outrem se manifesta precisamente na medida em que o Mesmo está constituído como psiquismo em virtude da fruição. Nesse sentido ‘o Desejo metafísico só pode produzir-se num ser separado, isto é, que frui egoísta e satisfeito”. (ALVES, 2016, p. 97-98).

1.4- Afetividade

Ao abordar a questão da afetiva devemos entendê-la a partir da ipseidade do eu, ou da identidade do eu separado, soberano no seu egoísmo e no seu isolamento. “A separação por excelência é solidão e a fruição – felicidade ou infelicidade – o próprio isolamento” (LEVINAS, 2008, p.108). Carne sensível, afecção pura de um ser isolado, que frui da felicidade ou infelicidade, como experiência de um ser solitário, que rasga e penetra o corpo, nu e indigente de um eu subjetivo. Unicidade de um eu que existe e que é único, sem gênero, sem conceito, que vivência a sua felicidade individual, na fruição que é “sua” e ninguém pode vivê-la. Somente o eu no seu puro egoísmo tem a sensação solitária da felicidade.

Compreender a ipseidade⁷ do eu é compreendê-lo sem generalização, objetivação, recusando-se a dar um conceito a uma subjetividade que goza e frui no mundo. Assim, estar no mundo, ser no mundo, é criar uma identidade, sem cair em um pensamento totalizante, onde eu é definido por um adjetivo, uma qualidade, sexo ou cor. A interioridade do eu, não está definida por uma exterioridade, mas pelo próprio fruir no mundo, individualização deste ser. “A recusa do conceito, não é apenas, um dos aspectos do seu ser, mas todo seu conteúdo – interioridade” (LEVINAS, 2008, p.109). A vida interior é a combustão do sujeito que fruir no mundo, que encontra a sua felicidade, à medida que vive no mundo o sujeito dá sentido à sua existência humana e corpórea, construindo a ipseidade do eu a partir da sua afetividade.

O eu levinasiano tem o compromisso de romper com o pensamento totalizante, de não ser sucumbido ao anonimato do ser, tendo uma postura atenta a todo o saber objetivante que não seja aberto à exterioridade. Devemos assim, construir uma verdadeira alteridade, que assuma a presença do outro, não a partir do Mesmo. Mas, que reconhece e dá voz ao seu direito. O eu entende que é solidão por excelência, mas também é alteridade, exposição, abertura. Entender a lógica de um eu separado é admitir que a felicidade deva ser assumida individualmente, isto é, a felicidade é egoísta. Eu não posso ser feliz por outra pessoa, ser feliz é uma experiência subjetiva, que é deliberada a partir de um eu isolado. “A felicidade basta-se, na sua relação com o

⁷ “Levinas insiste vigorosamente numa sensibilidade que não está em primeiro lugar para o pensamento ou para o conhecimento, mas que é tão somente **sentimento, afetividade, afetação, consentimento**” (SUSIN, 1984, p. 40, grifo do autor). Assim a ipseidade do eu vai ser do campo do sentimento, da afetividade e não da experiência ou da razão.

“outro” dos alimentos, basta-se mesmo por causa da relação com o outro – consiste em satisfazer as suas necessidades e não em eliminá-las” (LEVINAS, 2008, p.109). A felicidade é o combustível do eu no mundo, é uma experiência que se basta por si mesma, não como o bem supremo, o fim último em Aristóteles, mas como própria presença do homem no mundo, como fruição, existente na subjetividade do homem. Através da felicidade que vamos satisfazendo nossas necessidades “A felicidade basta-se pelo não bastar-se da necessidade” (LEVINAS, 2008, p.109). Isto é, a necessidade não é satisfeita por absoluta, assim, este não bastar-se da necessidade, faz com que a própria felicidade seja a bússola da própria necessidade.

A felicidade é uma existência para si, não existe uma representação da felicidade, mas uma “atitude” para si mesmo, da fruição, puro egoísmo. “A suficiência do fruir marca o egoísmo ou a ipseidade do ego e do Mesmo. A fruição é uma retirada para si, uma involução” (LEVINAS, 2008, p.109). A fruição é uma experiência da individualização, do fruir que nos marca como singularidade, como únicos. Assim, é no estado afetivo, na afetividade, que o eu se eleva, é “a exaltação vibrante em que o si mesmo levanta” (LEVINAS, 2008, p.109). A estrutura da “intencionalidade” é aqui diferente, pois o “eu” é constituído a partir da sua afetividade “o centro da curva faz parte da curva” (LEVINAS, 2008, p.109). O estado afetivo, a carne sensível, faz parte da constituição do eu, é a própria vida interior manifestando-se na sua essência. Já o conhecimento do eu baseado num idealismo racionalista, tornam-se formas vazias de pensamentos, pois nega os estados afetivos existente na constituição de nossa subjetividade. A ipseidade do eu, é fruição, fruição para si, de um eu que goza no mundo, movimento que tem lugar na própria fruição do eu. “É pela felicidade constitutiva do seu próprio egoísmo que o falante litiga” (LEVINAS, 2008, p.109). A felicidade do eu egoísta é que delega a sua presença no mundo, o seu direito à vida, é o discurso do eu singular sem representação, sem conceito.

Levinas é categórico, afirma que “a ruptura da totalidade que se realiza pela fruição da solidão – ou pela solidão da fruição é radical” (LEVINAS, 2008, p.109). Isto é, o eu separado se dá no egoísmo da fruição, o eu goza o mundo de forma individual, a felicidade da fruição se dá na singularidade, não tem abertura para outro eu⁸ imanente constituído fora da solidão da fruição. Somente na presença do Outrem-Rosto será

⁸ É importante ressaltar que o *eu* proposto na dissertação, é o eu constituído a partir da compreensão levinasiana sobre a imanência do sujeito. A subjetividade de um ser separado, egoísmo da fruição, que nos faz seres singulares, que define a interioridade da vida humana.

capaz de pôr em questão a solidão da fruição. O saber se dá num ser totalmente isolado, através da noção de criação, isto é, a partir da origem do próprio saber que surge o questionamento dos limites da razão humana, “é a única que estará a medida de uma tal questão envolvendo ao mesmo tempo a novidade absoluta do eu e a sua ligação a um princípio ou seu questionamento” (LEVINAS, 2008, p.110).

A solidão do sujeito é compreendida a partir de uma bondade do próprio sujeito, que se autodefende e que constitui sua subjetividade. Logo, um sujeito constituído a partir de sua afetividade, se dá na fruição, de forma individual, definido um eu não ligado ao ser, a ontologia, mas associado à felicidade. Felicidade, que busca redefinir o nosso estar no mundo, não como facticidade, mas como uma alegria da existência, o próprio fato de existirmos nos proporciona a felicidade.

Tornamo-nos sujeito do ser, não assumindo o ser, mas gozando da felicidade, pela interiorização da fruição, que é também uma exaltação, um <<acima do ser>. O ente é <<autônomo>> em relação ao ser. Não indica uma participação no ser, mas a felicidade. O ente por excelência é o homem. (LEVINAS, 2008, p.110)

A subjetividade é definida a partir de nosso gozar a felicidade, ou seja, o fruir é interioridade e a felicidade é a postura do sujeito no mundo. Ser feliz esta acima do ser no mundo. A felicidade é a escolha de um ser autônomo, que postula a felicidade, como uma maneira de ser, no ser. O sujeito visa à felicidade como uma ação no mundo. O homem é homem construindo sua felicidade, a partir da fruição, assumindo a sua afetividade, isto é, sua vida interior. “Ser eu é existir de tal maneira que se esteja já para além do ser na felicidade. Para o eu, ser não significa nem opor-se nem representar-se alguma coisa, nem servir-se de alguma coisa, nem aspirar a alguma coisa, mas desfrutar dela” (LEVINAS, 2008, p.111). Portanto, o ser eu para Levinas é estar além do ser, um eu que se encontra já na felicidade, não representando e nem dominando as coisas, as pessoas que estão no mundo, mas desfrutando, gozando-os como alimentos.

1.5- Fruição e corpo.

Ao descrever sobre a fruição e alimento Levinas traz ao debate filosófico o tema do corpo⁹, como elemento que condiciona a posição do homem no mundo, que nos proporciona a compreensão da subjetividade do sujeito. Assim, surge o elemento essencial para a intencionalidade da fruição, que é o corpo nu e indigente, como centro da vida interior que limita a idealização do eu, que questiona a própria constituição da representação, assim descreve Levinas:

O corpo nu e indigente é o próprio reviramento, irreduzível a um pensamento, da representação em vida, da subjetividade que representa em vida que é suportada por essas representações e que *delas vive* a sua indigência – as suas necessidades – afirmam <<a exterioridade>> e não-constituída antes de toda a afirmação. (LEVINAS, 2008, p.119).

O corpo nu e indigente é o elemento importante na filosofia levinasiana reestruturando a intencionalidade da fruição, tal elemento não pode ser reduzido a uma representação, as necessidades legitimam a exterioridade, porém, condicionam a afirmação pelo não constituído, ou não intencional. Assim, a exterioridade questiona a autonomia do sujeito, a partir da sua capacidade de condicionar o sujeito, assumi-la “é entrar com ela numa relação em que o Mesmo determina o Outro, ao mesmo tempo que por ele é determinado” (LEVINAS, 2008, p.119). Porém, para Levinas não é pura reciprocidade, mas é uma relação em que o eu, se alimenta, frui deste alimento que nos é dado a partir de um eu que se relaciona com o mundo e com o outro. Assim, o corpo é essa indigência que essencialmente me dá a posição no mundo, que me dá os elementos que vão ser constituídos. “Pôr-se corporalmente é tocar uma terra, mas de um modo tal que esse toque está já pela posição” (LEVINAS, 2008, p.119-120). Ser carne, ser sensível, é ser posição, lugar, morada é tocar uma terra que pelo próprio toque já está condicionado pelo lugar. Conteúdos que nascem da minha posição, e que são frutos de um homem de carne, sensibilidade exposta e que clama por seu lugar no saber filosófico.

⁹ “A primeira posição no mundo é corporal, mas de corpo nu e indigente, todo ele sensibilidade e exposição, necessidade e no ponto inicial do movimento a satisfação. Na intencionalidade do gozo, o corpo inteiro começa como boca faminta que se abre. A mão no seu primeiro gesto, será um auxílio **corporal** e por se tratar de um corpo exposto ao mundo em torno, ao outro que se dá como alimento. (SUSIN, 1984, p. 40).

O viver de, derruba o processo de constituição a partir do Mesmo, ele questiona o cogito, pois os elementos do vivido são anteriores a formulação da constituição. Assim, descrever sobre a constituição do conhecimento é ter discernimento sobre os alimentos que dão sentido a sua constituição. Logo, o que Levinas traceja é que não é possível se entender a constituição da representação sem o constituinte, sem a interioridade de um sujeito que pensa tal conceito. Ou seja, “O alimento condiciona o próprio pensamento que o pensaria como uma condição” (LEVINAS, 2008, p.120). O argumento defendido, e que é o fato original está na leitura do condicionamento, pois, pra ele a condição é fruto da relação entre o “representante e o representado de constituinte e constituído” (LEVINAS, 2008, p.120).

A dimensão da corporeidade que é alimentada pelo mundo é condição de um ser vivo, nu e indigente que busca saciar sua fome, e o corpo dá sua posição na Terra, não sobre o outro, mas com o outro, em relação. “Sem dúvida na satisfação da necessidade o caráter estranho do mundo que me fundamenta perde sua alteridade: na saciedade o real em que eu mordida assimila-se, as forças que estavam no outro tornam-se as *minhas* forças, tornam-se, eu” (LEVINAS, 2008, p.120-121). Ao assumir a minha necessidade, o eu assume a sua singularidade, a sua fruição, pois o caráter de alteridade do mundo se perde na ação do saciar. Isto é, o eu de forma egoísta assume sua responsabilidade com o mundo, tornando-se um corpo subjetivo. A liberdade não é uma condição de nascimento como outros filósofos afirmaram, mas é um produto da condição humana. É como se a consciência, sentido do ser tivesse no corpo o elemento importante para não cair no pensamento objetivante ou da totalidade sem perder sua ipseidade. Portanto o corpo¹⁰ é o elemento que empresta sentido a consciência, dos objetos que estão no mundo “O mundo em que constituo alimenta-me e embebe-me, é alimento é <<meio>>”. (LEVINAS, 2008, p.121)

Desta forma, a intencionalidade proposta por Levinas muda o sentido do visar, pois este visar não é somente exterioridade, há um corpo¹¹, existe a dimensão interior. A

¹⁰ Levinas na obra **Descobrendo a Existência com Husserl e Heidegger**. Tradução: Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, s/d, p.191, descreve sobre a importância do corpo como ponto zero de todas as sensações (Empfindnisse). “O corpo mostrar-se-ia como o ponto central, como ponto zero de toda a experiência e já como que encaixado nessa experiência por uma espécie de *interação* fundamental cuja a sensação é o próprio acontecimento” (grifo do autor).

¹¹ “O corpo contesta permanentemente o privilégio que se confere à consciência, como sendo a instância doadora de sentido às coisas. Para Levinas, a intencionalidade de viver de é fruição e não uma maneira de representação, pois nesta última toda a exterioridade fica suspensa. Realiza-se assim, uma crítica a tal modelo de intencionalidade balizada na consciência transcendental, visando resgatar o valor do corpo, a partir da qual a consciência se edifica” (ALVES, 2016, p.55).

constituição parte de um ponto, mas volta para este mesmo ponto, a vida do pensamento é fruto de um corpo subjetivo. **“vive do que pensa”** (LEVINAS, 2008, p.121. grifo nosso). Isto é, o movimento da constituição sofre uma mudança de sentido, pois a representação pra Levinas vai ser fruto de uma pessoa de carne, de sensibilidade, de fruição, o corpo indigente e nu é a causa desta transformação. Assim descreve Levinas:

O <<reviramento>> do constituído em condição realiza-se a partir do momento em que abro os olhos: só abro os olhos fruindo desde logo do espetáculo. A objetivação que parte de algum modo do centro do ser pensante, manifesta, desde o seu contato com a terra, uma excentricidade. O que o sujeito contém como representado é também aquilo que suporta e alimenta a sua atividade de sujeito. (LEVINAS, 2008, p.122).

Portanto, ser humano de carne sensível é fruir no mundo mesmo quando nossos olhos estão fechados para o visar e a constituição da nossa realidade. Antes dos olhos se abrirem e a razão se apropriar da visão, o nosso corpo já vivenciou a alegria de viver e a oportunidade do amanhecer. A excentricidade da vida interior esta num contato único com a terra, lar que me alimenta. O sujeito é alimentado à medida que produz seu alimento, e tal processo se dá numa posição corporal, mas também na fruição, na alegria do viver de.

CAPITULO II – REPRESENTAÇÃO E SENSIBILIDADE

2.1- Introdução:

Neste segundo capítulo, pretendemos mostrar que Levinas reconstrói o conceito de intencionalidade de Husserl a partir de sua crítica à intencionalidade constituída a partir de representações. O autor vê problemas no conceito de intencionalidade husserliano afirmando que este está permeado da filosofia do Mesmo. Assim, busca um elemento que não esteja permeado de representação, tal elemento é a *sensibilidade*. O trajeto proposto neste capítulo é primeiramente de analisar o artigo *Ruína da Representação* que se encontra no Livro *Descobrimo a Existência em Husserl e Heidegger*, onde Levinas descreve sua admiração pelo mestre e fenomenólogo, e pelo conceito de intencionalidade e os horizontes existentes neste novo método filosófico, elencando alguns elementos que farão parte da sua crítica à filosofia do Mesmo. Num segundo momento analisar como se constitui o conhecimento sem que este esteja permeado de representação. E por fim, estudar o conceito de sensibilidade como elemento humano que anima a nossa consciência e que não esta permeada de representação e que possibilitando a constituição do saber sempre atual.

2.2- Ruína da representação:

Compreender a crítica da representação em Levinas é mergulhar no universo do pensamento de Husserl, assim, nada melhor do que trazer para o presente trabalho o artigo *Ruína da Representação* que se encontra no livro “*Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger*”, onde o autor introduz de forma objetiva as questões filosóficas que estarão permeadas na obra posterior “*Totalidade e Infinito*”. Tal artigo revela não somente a admiração do autor ao seu mestre, mas as aspirações que a fenomenologia e a intencionalidade despertaram no filósofo. Assim, é no movimento intencional que ele vai construir seu projeto filosófico, buscando a evasão do anonimato

e a uma nova proposta de pensamento desvinculado do pensamento do Mesmo, da totalidade.

O autor franco-lituano quer introduzir novos debates à teoria do conhecimento, resgatar o sensível a partir do movimento fenomenológico. Assim, é preciso repensar a relação sujeito-objeto, avaliando aspectos importantes que foram esquecidos, como a dimensão corpórea, as sensações e a intuição. A consciência intencional inaugura uma nova abordagem sobre a relação sujeito-objeto dando um novo sentido. Porém, segundo o nosso autor há um movimento anterior à própria intenção da consciência e que não pertence ao campo da razão. Por ora, é importante trazer a *Ruína da Representação*, pois, aí está o cerne da inspiração filosófica do pensamento levinasiano, ou seja, os horizontes de possibilidades criados a partir da análise da intencionalidade.

2.2.1- Fenomenologia e Intencionalidade

Apesar de parecer sucinto, tal artigo é denso e rico de conteúdos que vão dar bases para reflexões futuras. Num primeiro momento, percebemos que Levinas assume em sua filosofia o método fenomenológico de Husserl e os horizontes que a intencionalidade traz para os debates filosóficos posteriores. Logo, é importante elencar então neste tópico a Fenomenologia e a Intencionalidade como inspiração mais fecunda do pensamento levinasiano.

Compreender o movimento fenomenológico ou contramovimento em Levinas é compreendê-lo a partir da intencionalidade¹². Para ele, entender a intencionalidade somente na “consciência que se manifesta” é redução à fenomenologia. É preciso analisar todos os horizontes que esta teoria do conhecimento possibilita, resgatando horizontes filosóficos que a tradição filosófica deixou obscuro. Desde os primeiros filósofos a busca pela verdade era a motivação para uso da razão humana, na compreensão dos fenômenos no mundo. Husserl ao elaborar o conceito de

¹² Levinas em sua obra **Entre nós**: ensaio sobre a alteridade. Tradução: Pergentino Pivatto et al. (Coord.)5ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010, p. 149, afirma que é “Husserl, sem dúvida, que esta a origem dos meus escritos. É a ele que devo o conceito de intencionalidade que anima a consciência e, sobretudo, a ideia dos horizontes de sentido que se esbatem, quando o pensamento é absorvido no pensado, o qual sempre tem significação do ser. *Horizontes de sentido* que a análise dita intencional, reencontra quando se inclina sobre o pensamento que “esqueceu”, na reflexão, e faz reviver estes horizontes do ente e do ser”. (grifo do autor).

intencionalidade, pretende abalar com o poder “inquestionável” da razão e os seus limites. Pois, ao analisarmos historicamente a filosofia percebemos que os pensadores deram primazia ora para o objeto, ora para o sujeito. Nesse sentido, compreender a intencionalidade como “toda consciência é consciência de algo” é de alguma forma repensar o conceito de representação, e a posterior crítica que Levinas faz a este conceito permeado de objetivação, da filosofia do Mesmo.

O principal papel da fenomenologia Husserliana é **reabilitação do sensível**, logo, a intencionalidade tem como objetivo resgatar o presente da vida, “A fenomenologia, como toda a filosofia, ensina que a presença *imediata* junto das coisas não compreende ainda o sentido das coisas e, por conseguinte, não substitui a verdade” (LEVINAS, s/d, p.154). A presença junto às coisas não compreende o sentido imediato dos objetos, mas tal presença é significativa para o movimento da consciência, logo, é preciso que o método fenomenológico tome como princípio da reflexão essa presença. Pois, através das intenções somos capazes de conhecer os ensinamentos sobre o ser, e as essências mais profundas dos pensamentos já constituídos. Assim, surge um novo acontecimento ontológico fundamental o “perdido já no objeto apreendido ou refletido, fosse mais objetivo do que a objetividade, um movimento transcendental.” (LEVINAS, s/d, p.154). É a reelaboração do conceito transcendental uma das reflexões mais ricas e fecundas do pensamento husserliano, pois segundo este conceito, as coisas que me aparecem “aparecem-me enquanto algo”. Este <<enquanto>> pode ser compreendido como sentido ou formação de sentido, logo é “uma nova forma de passar de uma ideia à outra” (LEVINAS, s/d p. 154), surgindo um novo raciocínio filosófico, que toma a presença junto às coisas, como princípio sempre atual do saber humano. Ou seja, a valorização da subjetividade humana, sua correlação com o objeto e a justificação sempre aberta para a sua validade.

A fenomenologia é um ir além do idealismo e do realismo, trata-se de um novo saber filosófico, onde o movimento intencional da consciência se dá num sujeito consciente. O saber se dá na presença, onde a subjetividade é resgatada do cativeiro do pensamento universal. A contribuição de Husserl, para filosofia foi ter instaurado “um novo espírito e rigor: a penetração não consiste em tocar o delicado ou o infinitamente pequeno na alma, mas não deixar sem estrutura os elementos delicados ou seus prolongamentos” (LEVINAS, s/d, p.154). Resgatar a sensibilidade, ter as sensações como pressupostos fundamentais para repensar a filosofia, foi de extrema importância para os trabalhos filosóficos pós husserliano. As inspirações filosóficas Levinasianas

têm como objetivo principal a constituição da subjetividade do sujeito, resgatando a vida interior, a sensibilidade e a fruição.

2.2.2- Consciência Intencional

Husserl elabora uma reflexão filosófica preocupando-se em mostrar que a lógica e as leis ideais tornam-se formas vazias de pensamento, ou nas palavras de Levinas, há um excesso de ser. Resgatar as sensações, descrever a consciência a partir de atos subjetivos é de alguma forma combater o absolutismo do pensamento filosófico. O que Husserl segundo Levinas propõe

(...) a necessidade de projetar a claridade de uma teoria do conhecimento – quer seria também uma claridade filosófica – sobre as noções da lógica pura. A fenomenologia da consciência descobriria <<as fontes que jorram os conceitos fundamentais e as leis ideais da lógica pura e as quais é preciso reconduzi-los para lhes conferir a *claridade* e a *distinção* necessárias à lógica pura no plano da teoria do conhecimento. (LEVINAS, s/d, p.156, grifo do autor)

O rigor da fenomenologia é resgatar a constituição da consciência, do saber, clareando os elementos que dão sustentação para a lucidez filosófica. Uma teoria do conhecimento atenta para as fontes que jorram, para constituição de uma lógica pura, onde a vivência, o chocar em algo, nos questiona e nos faz compreender os limites do emprego legítimo da razão. Desta forma, entender os limites do uso da razão, é reexaminar e reavaliar conceitos que até o momento são apresentados como verdadeiros. A fenomenologia apela à consciência para construção de uma nova gnosiologia em analisar os equívocos do pensamento. A consciência diz Husserl “é indispensável ao progresso dessas investigações” (LEVINAS, s/d, p.156).

A consciência como legimitadora do conhecimento, fonte do desenvolvimento da investigação filosófica, se depara com um problema: como o representado, o apreendido se dá na esfera da subjetividade? Como este sujeito imanente, fechado em si mesmo pode ser estabelecido como fonte de uma teoria do conhecimento? Segundo Levinas, Husserl confia à resolução do problema a “ideia da **intencionalidade da consciência**, uma vez que a presença do sujeito junto das coisas transcendentis é a própria definição da consciência” (LEVINAS, s/d, p.156. grifo nosso). Logo, a

intencionalidade em Husserl é definida no dinamismo que anima a consciência, na relação intencional entre o sujeito-objeto. A verdade não é uma representação idealista como afirmavam os filósofos modernos, mas o sentido da presença do sujeito junto ao objeto.

Na fenomenologia a consciência é um elemento importante para a explicação dos objetos, porém, a intenção direcionada para o objeto não aprende o seu sentido na sua totalidade, mas apenas uma abstração. Assim, define que a intenção “na sua <<manifestação em direção ao objeto>> é também uma ignorância e um desconhecimento do sentido desse objeto, pois esquece tudo aquilo que a intenção contém apenas implicitamente e que a consciência vê sem ver¹³” (LEVINAS, s/d, p. 157). O que Husserl, pretende segundo Levinas é demonstrar as potencialidades que a intencionalidade traz consigo, na relação sempre atual da consciência. A elucidação daquilo que é significado pela consciência, o sentido objetivante são fenômenos que se constitui na presença do vivido da consciência¹⁴. Portanto, o objeto nos escapa de toda a representação, pois ao representar um pensamento (idealista) estamos caminhando para algo que vai além de nossa capacidade de imaginar e representar, porque o ato do pensar nos é dado somente no presente.

A intencionalidade como acabamos de escrever, traz consigo novos horizontes, que de alguma forma ampliam o campo filosófico, pois “A clássica relação entre sujeito e objeto, é uma presença do objeto e uma presença junto com o objeto” (LEVINAS, s/d, p.157). Há uma presença de uma consciência subjetiva, junto ao objeto e a compreensão se dá aí no presente. O objeto é “exatamente aquilo que o sujeito o **pensa atualmente**. Por outras, palavras, a relação sujeito-objeto é **consciente**” (LEVINAS, s/d, p. 157-158, grifo nosso). A consciência intencional é fruto de um sujeito presente junto ao objeto, que o pensa na sua atualidade, pois tal conhecimento é obra de um sujeito consciente. Tal afirmação é importante para o pensamento levinasiano, pois esta dinâmica da renovação é necessária para que o sujeito não caia no anonimato do ser.

¹³ Nesta citação demonstra alguns pontos essenciais que Levinas percebe em Husserl que depois serão temas importantes para a compreensão da sua filosofia. E de modo especial à compreensão posterior da consciência não intencional. Ao perceber que a consciência vê sem ver é de alguma forma elencar alguns pontos que nos darão oportunidade para debater sobre um elemento que motiva a consciência sem estar permeado de representação.

¹⁴ É importante esclarecer que neste ponto da fenomenologia husserliana o vivido da consciência se dá pela compreensão dos conceitos de noema é noese. Noema é o objeto que a consciência tem consciência e noese é o ato mesmo de pensar, ou seja, a visada do pensamento. Assim, não há consciência sem objeto, a importância do visar algo, para que a consciência esteja intencionada.

Tomemos como exemplo a Segunda Grande Guerra, tal barbárie foi o reflexo de um pensamento racional que não questionou os seus limites e teve em Auschwitz a expressão mais profunda do poder da destruição, da racionalização do outro.

Ao, compreender a intencionalidade como uma relação consciente, é de alguma forma entender que nela existam inúmeros horizontes e implicações, que nos vão muito além do objeto que se apresenta. O essencial no movimento intencional está no fato de que o implícito é que mantém a consciência viva. Logo, o pensamento já não é pura representação e nem puro presente, mas é a própria caminhada do saber humano. Porém, o que Levinas vê em Husserl que compromete a soberania da representação? O filósofo afirma que “o condicionamento da atualidade consciente na potencialidade compromete a soberania da representação de forma bem mais radical do que a vida sentimental...” (LEVINAS, s/d, p. 158). É atualidade dinâmica que alimenta a consciência, que compromete a objetivação do pensamento. Assim, precisamos ficar atentos às implicações invisíveis do pensamento, pois, todo o pensamento constituído sem justificar estas implicações não está pensando os objetos, mas operando¹⁵ sobre eles, isto é, ir à essência das coisas mesmas é dar valor real as implicações invisíveis. Logo, é necessário “A redução fenomenológica para a *operação* para voltar à verdade, para mostrar os seres representados na sua manifestação transcendental.” (LEVINAS, s/d, p.159, grifo do autor). É a redução que suspende a racionalização do pensamento e da voz a subjetividade que manifesta na vida imanente do sujeito.

O ideal de representação e a soberania da razão foi abalado por Husserl, segundo Levinas, porque ele demonstrou que há uma implicação imperceptível e necessária, que só se descobre depois do fato, na reflexão. Assim,

A fenomenologia husserliana ensinou-nos, não a pro-jectar estados de consciência no ser, muito menos a reduzir estruturas objectivas a estados de consciência, mas a recorrer a um domínio <<subjectivo mais objectivo do que qualquer objectividade>> Ela descobriu este novo domínio. O eu puro é uma <<transcendência na imanência>>, ele próprio constituído de alguma forma em função desse domínio onde tem lugar o jogo essencial. (Levinas, p. 159)

¹⁵ Operar, no sentido de instrumentalizar o pensamento. Pois, ao ler o artigo me dá margem para esta interpretação, pois parece que o sujeito que não está atento às implicações ele age sobre o pensamento como estivesse manipulando. O pensamento filosófico deve estar aberto a novos conhecimentos, questionar a representação fundada num sistema ideal, que não percebe as implicações que o ato de visar possibilita.

Portanto, resgatar a subjetividade é compreender que o processo de constituição do conhecimento, se dá num sujeito junto ao objeto. Ir à essência do objeto é perceber as implicações invisíveis existentes no visar da consciência. O eu puro é uma transcendência na imanência é a partir da interioridade humana, que a consciência transcende para o mundo dos fenômenos.

2.2.3- Subjetividade e Sensibilidade

Levinas compreende em certo sentido que toda a intenção busca ultrapassar a própria intenção, que o pensamento que se pensa tem a natureza do atual e, por conseguinte busca sempre a ultrapassagem deste pensamento. Assim ele define que em Husserl

[...] o pensamento que se dirige ao seu objeto envolve pensamentos que desembocam em horizontes noemáticos que já *apoiam* o sujeito no seu movimento para o objecto e o fortalecem, por conseguinte, na acção de sujeito, *desempenham um papel transcendental* (LEVINAS, s/d p.159, grifo do autor).

Tal papel transcendental se dá na sensibilidade, que apoia o transcendente, o sujeito em direção ao objeto. Podemos afirmar como havíamos abordado no início que a contribuição significativa da intencionalidade está em resgatar o mundo sensível e garantir o seu papel para construção do pensamento, tomando-a como ação que provoca o movimento do visar do ato intencional, “a sensibilidade e as qualidades sensíveis (...) a situação em que o sujeito se coloca para cumprir uma intenção categorial” (LEVINAS, s/d p.159). A dimensão do corpo toma um novo sentido, em um sujeito que percebe, onde a terra não é uma simples base, mas onde ocorre a sua percepção, reavaliando os horizontes da intencionalidade na vida do sujeito. É um sujeito que se constitui no mundo, sua presença “é uma transcendência que já tem uma história no mundo em que acaba de entrar” (LEVINAS, s/d p. 160). Assim, quando resgatamos a sensibilidade como condição subjetiva para o papel transcendental, estamos situando à consciência no mundo, na história, isto é nas vivências.

Segundo Levinas, Husserl propõe resgatar e analisar as “Urimpression”, do sensível ou o pré-reflexivo, ou seja, do corpo próprio¹⁶, “onde a intencionalidade revela a sua verdadeira natureza, pois o seu movimento para o representado enraíza-se aí em todos os horizontes implícitos – não-representados – da existência encarnada” (Levinas, s/d p.160). Nesse sentido, o corpo próprio do constituído condiciona a própria constituição do saber, ao tomar consciência dos horizontes do ser que se encontra na não-representação, Husserl resgata a existência encarnada como a estrutura original do movimento intencional.

Levinas refaz a leitura da atividade transcendental afirmando que ela não é nem produção de um ser pensado e nem um ato de refletir um conteúdo. De certo modo, busca esclarecer onde se constitui o pensamento do objeto, e tal pensamento só é possível numa estada no mundo, que tem como característica principal do sujeito à espontaneidade. Logo, afirma que tal “flutuação entre a liberdade do idealismo transcendental e o compromisso num mundo” (Levinas, s/d, p.161) na qual Husserl foi deveras criticado por outros pensadores, para Levinas desempenha um papel de força em vez de fraqueza. Assim, temos a liberdade e a pertença como doadoras de sentido, que constitui o ser. “O mundo não só é constituído, como constituinte. O sujeito já não é puro sujeito, o objeto já não é puro objeto. O fenômeno é simultaneamente aquilo que se revela e aquilo que revela ser e acesso ao ser” (Levinas, s/d, p.161). Compreende-se então que tal liberdade e pertença se dão no mundo, que já expressa sua constituição, mas que também está em sua construção. Resignificando o conceito de sujeito e objeto, que já não são puros, pois estes se encontram dentro de uma relação intencional, pois ao analisar o fenômeno percebemos uma relação não de apropriação, mas de reciprocidade entre o doador e o doado. É importante ressaltar que tal evidencia daquilo que se revela se dá no fenômeno e não na abstração do ser. Logo, o pensamento é sempre um jogo do objeto que é arrancado da sua tomada, como se fosse lançado à luz de novas perspectivas de doações de sentido. Assim, o homem constitui um mundo no qual ele já está inserido. “Ele já não se separa da sua revelação, da sua verdade, onde não só se prolonga como se realiza” (LEVINAS, s/d 162). É no sujeito que se revela a verdade, ou seja, no interior do sujeito que se realiza o pensamento.

¹⁶ Levinas, na mesma obra ao abordar ao falar do corpo afirma “o corpo não é apenas depósito e sujeito da *Empfindnisse*; ele é órgão livre movimento, sujeito e sede de sensações cinestésicas” (Levinas, s/d p. 191).

A fenomenologia resgata o ato humano, a atitude do sujeito, onde seu atuar no mundo perpassa a dimensão do tempo, onde o presente se torna passado, onde a anterioridade do ser se torna um futuro, o comportamento humano não é tratado como uma experiência, mas como uma experiência original. A experiência sempre original do homem desconstrói o conceito de representação. A vida intencional dá vida à consciência sempre dinâmica da concepção do mundo ela renuncia o objeto fixo, ou a objetividade, pois segundo Levinas “A intencionalidade significa que toda a consciência é consciência de alguma coisa, mas, sobretudo, que *todo o objeto apela e como que suscita a consciência pela qual o seu ser resplandece e, dessa forma, aparece*” (Levinas, s/d, p.162, grifo do autor). O ato de aparecer ressuscita o próprio pensamento antes elaborado.

Ao abordar os fenômenos a fenomenologia aproxima elementos que a objetividade do pensamento desconhecia ou ignorava. Pois, tal objetivação gerava um pensamento vazio e sem sentido “Céu e terra, mão e utensílio, corpo e outrem condicionam *a priori* conhecimento e ser. Ignorar este condicionamento é produzir abstrações, equívocos e vazios no pensamento” (LEVINAS, s/d p.163, grifo do autor). O que Levinas pretende é advertir que um pensamento constituído na clareza, e que se esqueceu de seus horizontes constituintes, são pensamentos que nos levam a uma racionalização desenfreada. A fenomenologia traz na sua essência um novo olhar sobre a construção do filosofar, reelaborar os conceitos de ética, política, da própria teoria do conhecimento, resgatando a dimensão carnal, que segundo ele “onde as noções mais puras vão beber o seu verdadeiro sentido” (LEVINAS, s/d p.163). Sensibilidade, corpo próprio e subjetividade, são alguns elementos que vão dar um novo sentido ao ato de conhecer, doando novos horizontes para a reflexão filosófica.

2.3- Fruição e representação

Mas, onde se encontra o viver de, qual é a sua natureza humana? Podemos considerar o viver de como a própria vida nos falando? Ao fruirmos no mundo, a vida nos doa os seus conteúdos, os temas do nosso viver? A fruição como intencionalidade tem como objetivo questionar a tese defendida por Husserl que toda a intencionalidade é uma representação ou fundada numa representação. Mas, como construir um projeto

filosófico sem uma representação? O que identificamos é que Levinas quer questionar como se dá o ato de inteligibilidade, ou a objetivação do pensamento. O olhar atento do filósofo lituano é resgatar o sensível, a alegria de viver, a relação sincera com o mundo e com os elementos. Constituir um pensamento que de alguma forma inaugura uma nova vertente do pensamento filosófico que é valorização da singularidade, e de uma epistemologia não vinculada ao Mesmo, fechado num eu universal e absoluto, mas que esteja aberta a novos saberes, que valoriza o presente e o agora, o aprender como dinâmica do atual, que esteja aberto às possibilidades que o próprio mundo da fruição nos proporciona, fruir no mundo sem superestruturas. Desta forma, tentaremos compreender então, como se constitui o conhecimento filosófico, sem estar amarrado, enraizado, numa representação do Mesmo, do universal.

2.3.1- Representação e constituição

Ler Levinas como havia falado, é constatar a admiração que este tem por Husserl, e como ele reelabora, reavalua conceitos utilizados por seu mestre. Ao escrever a sua teoria filosófica defende a necessidade de repensar a representação e a objetivação do pensamento, ponderando de forma rigorosa como se dá a constituição do conhecimento. Analisando também, as limitações que existem em um conhecimento objetivado e fechado no Mesmo.

O autor diverge da tese que toda intencionalidade é fundada numa representação¹⁷, para ele precisamos entender que a fruição é uma intenção oposta da representação. Assim, precisamos compreender a filosofia por uma via oposta, tal via é a intencionalidade da fruição, do viver de. Deste novo modo de pensar a intencionalidade, é o coração do movimento não intencional de Levinas que é a estrutura da intenção a partir da fruição, ou seja, da sensibilidade. Pois, a intencionalidade é “o movimento marcante para constituição da subjetividade, que

¹⁷ SEBBAH, afirma em seu livro **Levinas**. Tradução: Guilherme João de Freitas. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p.107, que a representação para Levinas é descrita num novo contexto assim descreve “O Sentido é irreduzível à representação de objetos: ter um sentido não é “representar” (para a consciência), nem “ser representado” para seu correlato. Assim, como lembra Lévinas, o ato de amor – pelo fato de ter um sentido – não significa – que ele implique uma representação do objeto “ser amado””. Assim, é o sentido da consciência que Levinas vai buscar entender na relação intencional da consciência.

define o sujeito”. (LEVINAS, 2008, p,114). É a partir da intencionalidade da fruição que o autor vai construir um humano separado e singular.

Mas, por que Levinas toma de Husserl o conceito de intencionalidade? Ou melhor, o que ele observa de rico nas indagações filosóficas da intencionalidade que propõem uma constituição do sujeito a partir dela própria? Na obra *Totalidade Infinito*, o autor descreve que “O objeto da representação distingue-se do ato da representação – eis a afirmação fundamental e mais fecunda da fenomenologia Husserliana” (LEVINAS, 2008, p,114). O que o autor quer é resgatar o sentido que a consciência empresta ao objeto, a *Sinngbung*.¹⁸ Pois, percebe que existe na consciência um movimento, um visar que anima e que é anterior ao pensamento, ou seja, na relação intencional do sujeito com o objeto, existe um elemento que dá combustão ao ato de pensar.

Assim, quando falamos em representar, somos remetidos ao conceito de ideias claras e distintas de Descartes. Que transforma a inteligibilidade sempre como obra do exterior, aos olhos humanos nos enganamos em acreditar que a reflexão é fruto de algo exterior, pois na clareza “o ser exterior apresenta-se como obra do pensamento que o recebe” (LEVINAS, 2008, p,115). Quando constituímos conhecimento sobre a ótica do racionalismo nos enganamos em acreditar que a reflexão é tão somente fruto de algo exterior.

A clareza como característica da inteligibilidade, sempre constituirá um conhecimento baseado no mesmo, ou seja, uma adequação do pensante ao pensado, ou o pensante como dominador do objeto, que segundo o autor se perde no próprio objeto. “Este domínio é total, como se fosse criador, efetua-se como uma doação de sentido: o objeto da representação reduz-se a noemas” (LEVINAS, 2008, p,115). Buscar a constituição filosófica a partir da inteligibilidade da representação é apagar, anular a distinção entre eu e o objeto, ou ainda entre exterioridade e interioridade.

A ideia clara e distinta de Descartes toma o objeto exterior, porém, o racionalismo é absolutamente imanente, não se comove com nada do que é exterior “sem nada de clandestino” (LEVINAS, 2008, p. 115). Como ser um conhecimento capaz de escrever novas histórias, novas facetas se “a própria novidade não tem mistério” (LEVINAS, 2008, p. 115). A novidade, o clandestino é a fruição que não é dominada pelo uso da razão, mas será sempre um mistério, uma novidade a ser descoberta.

¹⁸ A relação da intencionalidade nada tem das relações entre objetos reais. *Ela é essencialmente o ato de emprestar um sentido* (a *Sinngbung*). A exterioridade do objeto representa a própria exterioridade daquilo que é pensado relativamente ao pensamento que o visa. O objeto constitui assim um momento inevitável do próprio fenômeno do sentido. (LEVINAS, s/d, p.30, grifo do autor).

Levinas esclarece que tanto a representação e a inteligibilidade anulam a estranheza, aquilo que poderia chocar o pensamento são noções equivalentes que matam a novidade, o outro, a alteridade. “A inteligibilidade, o próprio fato da representação é, para o Outro, a possibilidade de se determinar pelo Mesmo, sem determinar o Mesmo, sem nele introduzir alteridade, exercício livre do Mesmo. Desaparecimento, no Mesmo, do eu oposto ao não-eu” (LEVINAS, 2008, p,115). O não-eu constituído a partir do Mesmo, da representação, nega o seu direito de fala, de questionamento e de introduzir a alteridade a partir de um Outrem e do próprio mundo como alimento.

Husserl ao dar um lugar privilegiado à representação na compreensão da obra da intencionalidade desenvolve um pensamento filosófico baseado no Mesmo, onde o eu (ego) tem um privilégio importante na constituição do pensamento, pois este “massacra” o outro, destrói com a alteridade sendo sempre o Mesmo que determina o Outro. Pois, “a representação é o foco da verdade” (LEVINAS, 2008, p,115), porque o objeto do pensante define o próprio pensante. Mas, como o objeto determina o sujeito pensante? Segundo Levinas, “Determina-o sem o tocar, sem pesar sobre ele, de tal maneira que o pensante que se sujeita ao pensado o faz de boa vontade, como se o objeto tivesse sido antecipado pelo sujeito, mesmo nas surpresas que reserva o acontecimento” (LEVINAS, 2008, p,115). Toda ação, atividade humana que se baseia na representação, é constituída de um terreno familiar, ou seja, de um conceito próprio, idealizado, que não foi chocado, ou questionado. Assim, Levinas define a representação baseada na clareza como “movimento que parte do mesmo, sem que o preceda qualquer batedor”. (LEVINAS, 2008, p,116). Logo, é importante que o sujeito pensante deixe-se tocar pelas surpresas que a própria vida interior oferece, pois, anular estas sensações é pensar a partir do Mesmo.

Como exercer uma filosofia que anula o estranhamento, o espanto, características próprias do ato de filosofar? Como repensar a representação que fuja da filosofia do mesmo? Que viés usar diferente das ideias claras e distintas de Descartes? Levinas define a representação como pura espontaneidade, aquém de toda atividade. Pois, o objeto exterior apresenta-se na reflexão como sentido, isto é, o sujeito lhe empresta um sentido, pois este mesmo sujeito pode ser reduzido a uma obra do pensamento. Logo, é o sentido e não a inteligibilidade que desperta o humano a novos saberes, sempre abertos a questionamentos sempre atuais.

O conhecimento é relação, mas não está atrelado ao objeto, ou ao sujeito. Para Levinas o conhecimento se encontra nesta relação sempre nova, este reviver sempre

atual da consciência. Pois para ele, a **representação é puro presente**. (LEVINAS, 2008, p. 116, grifo nosso). A maravilha do conceito de representação de Levinas esta no fato que este puro presente não tem ligação com o tempo, se confunde com a eternidade. O eu é responsável pelo pensamento que se constitui no envelhecer, ao qual se desenvolvem os pensamentos sucessivos, mas o sujeito que pensa os pensa no presente. Este devir do tempo não se encontra na representação, pois, segundo o autor “a representação não comporta nenhuma passividade” (LEVINAS, 2008, p. 117). O presente sempre vivificante que alegra o meu viver, sem que dele me desse conta, que é o próprio presente da vida, o sabor sempre atual dos alimentos que sacia, mas que desaparece para que a necessidade surja para que seja novamente saciado, ou seja, para que os novos saberes sejam estabelecidos.

Desta forma, Levinas compreende que há um movimento não-intencional, passivo que se encontra no sujeito. Pois, o “Mesmo que se refere ao outro rejeita o que é exterior ao seu próprio instante, à sua própria identidade, para reencontrar no instante que a nada se deve – pura gratuidade – tudo o que tinha sido rejeitado, como <<sentido emprestado>>, como noema. (LEVINAS, 2008, p,117). Há um momento de interioridade do sujeito, como definição da sua ipseidade, fruto da sua subjetividade própria, que o define como sujeito próprio, uma intencionalidade gratuita, que desperta um sentido novo, a tudo aquilo que a representação a partir do Mesmo havia rejeitado. Pois, o primeiro movimento intencional é negativo, isto é, “consiste em reencontrar em si e em esgotar o sentido de uma exterioridade” (LEVINAS, 2008, p,117).

Destarte, que a proposta de Levinas consiste em analisar uma representação “*ligada a uma <<intencionalidade>> inteiramente diferente*” (LEVINAS, 2008, p. 117, grifo do autor). Definida, ou constituída a partir da reflexão, possibilidade da construção de uma representação desenraizada, sem objetivação ou teorização a partir do Mesmo. “A maneira como a representação está ligada a uma intencionalidade <<inteiramente outra>> é diferente daquela cujo o objeto esta ligado ao sujeito ou o sujeito à história”. (LEVINAS, 2008, p. 117). Desta forma, Levinas rompe com a tradição filosófica, que ora dava primazia para objeto, ora ao sujeito, repensar a intencionalidade é compreender que a interioridade, e a subjetividade são elementos importantes para a compreensão do mundo. Pois, a liberdade do Mesmo esta no olhar positivo com a relação ao Outro, que já não é representação, mas Outrem. Quando a relação permanece presente somente no Mesmo, o outro não tem presença no eu. Mas, por que Levinas define como Mesmo e não como eu? Segundo ele: “Damos-lhe o nome de o Mesmo porque, na representação,

o eu perde precisamente a sua oposição ao seu objeto, ela apaga-se para fazer ressaltar a identidade do eu apesar da multiplicidade dos seus objetos, isto é, precisamente o caráter inalterável do eu” (LEVINAS, 2008, p,117). Permanecer na filosofia objetivante, a partir do Mesmo de forma representativa, é perder a sua subjetividade, sua singularidade, pois o Mesmo perde-se no pensamento anônimo do objeto, do ser, tornando-se um sujeito inalterável perdendo o caráter da mudança da espontaneidade. **“Permanecer no mesmo é representar-se”** (LEVINAS, 2008, p,117. grifo nosso), isto é falar sempre a partir do Mesmo, ou seja, do “eu penso” “eu posso” base teórica do pensamento racionalista. Logo, o eu da representação permanece inalterado e inalterável nas suas relações com o Outro, pois o sujeito “que pensa pela representação é um sujeito que escuta o seu pensamento” (LEVINAS, 2008, p,117). Não há abertura para o Outro e nem para o mundo como alimento negando a exterioridade, mas também, a própria interioridade se torna alheia a novas possibilidades do filosofar. O eu se perde, pois nega a dimensão da carne sensível elementos que o constitui e que dão sabor à vida.

Levinas reforça que há uma diferença entre a constituição do eu, e a ideia do Mesmo. O sujeito constituído a partir do Mesmo perde-se no vazio da representação. O “eu particular confunde-se com o Mesmo, coincide com o <<demônio>> que lhe fala no pensamento e que é o pensamento universal” (LEVINAS, 2008, p,118). O pensamento, universal, totalizante age como um demônio que tudo pode, pois, quem pode questionar a verdade do pensamento absoluto. Um dos problemas da representação está no fato de que o eu da representação **“é a passagem natural do particular ao Universal”** (LEVINAS, 2008, p. 118, grifo nosso). O pensamento da representação é constituído, desenvolvido a partir do eu, do pensamento em primeira pessoa. O eu posso, o eu penso domina outros “egos” que não tem o seus direitos reconhecidos; o diferente, o singular se perde no pensamento totalitário que destrói com a subjetividade humana.

“A criação idealista é a representação” (LEVINAS, 2008, p. 118, grifo nosso). Toda a filosofia que constitui o universal a partir de um sujeito está representando num eu que está contido na obra de sua racionalização. Pois, o eu que constitui tal pensamento universal, não está atrelado à liberdade, mas condicionado, influenciado pelas leis que o constitui. Já na fruição, no mundo do gozo, tem uma estrutura diferente, ele não busca a universalidade, mas a individualidade de cada um, a sensibilidade, exposição pura de um corpo nu e indigente. .

O autor entende que a inteligibilidade e a representação há uma correlação essencial, isto é, ser inteligível é ser representado, ou seja, não estar sujeito ao erro, ao

sentimento, a paixão. Porém, é preciso compreender que a realidade mais verdadeira do pensamento se encontra no objeto do pensamento que é gerado na espontaneidade, de um pensamento gratuito que é pensado. Pensar é constituir um pensamento, é doar sentido a ele, é ter consciência da sua instantaneidade, que surge no presente. Levinas defende que representar não é:

[...] apenas tornar <<de novo>> presente, é reconduzir o próprio presente uma percepção actual que se esvai. Representar não é reconduzir a um fato passado a uma imagem atual, mas trazer a instantaneidade de um pensamento tudo o que dele parece independente. É nisso que a representação é constituinte. (LEVINAS, 2008, p.118).

Portanto, a representação para Levinas tem que conter a pura espontaneidade, e o puro presente. Uma representação que não esteja fechada em si mesma, mas aberta, sempre atual. Pois, a intencionalidade baseada na fruição se dá no agora, no momento que constitui a relação do objeto com o meu interior, ou seja, com a minha subjetividade, singularidade. Não há filosofia sem representação, para tal representação não há uma verdade universal que não pode ser questionada ou reelaborada. A própria história da filosofia nos revela que o filosofar se dá no questionamento sempre atual, a conceitos em que o outrora foi constituído a partir de um sujeito que os repensou, ou seja, a partir de uma subjetividade.

2.4- Sensibilidade

Mas qual qualidade humana, ou elemento da natureza humana que se encontra no sujeito e que não é do campo da representação? Qual natureza corpórea pode definir melhor a fruição? Qual movimento que desperta a minha subjetividade, que me define como sujeito possuidor de uma vida interior?

Levinas está preocupado em constituir o humano completo na sua vida interior, um humano com necessidades, mas que é o próprio protagonista do seu agir no mundo. Assim, existe no sujeito um movimento no pensamento que não está permeado de representação. Segundo ele, **“trata-se da sensibilidade que é a maneira da fruição”**.

(LEVINAS, 2008, p. 127. grifo nosso). Assim, a sensibilidade¹⁹ é do campo da fruição, que não pode ser constituído na filosofia da representação, pois ela não pertence ao campo do pensamento da racionalidade, mas da afetividade, do sentimento, onde impera o egoísmo do eu. Pois, a sensibilidade, como sentimento e afecção, são próprias, são únicas, só posso vivenciá-las como minhas, “as qualidades sensíveis não se conhecem, vivem-se os verdes das flores, o rubro deste por do sol”. (LEVINAS, 2008, p,127).

A sensibilidade quer constituir uma relação do homem com sua existência, não tem pretensão de constituir um mundo, pois tal pretensão de constituição do mundo pertence à representação. O que Levinas pretende é sim, despertar um homem sensível presente, que existe num mundo e que nunca terá o domínio de todo o conhecimento. Mas, que se encontra neste mundo, como possibilidade, como alegria de viver, pois “sentir é estar dentro” (LEVINAS, 2008, p,127), isto é, como presença no mundo. A sensibilidade desfaz o vazio, a perda de sentido e a exclusão no mundo, pois ela “toca o avesso sem se interrogar sobre o direito – o que acontece precisamente no contentamento” (LEVINAS, 2008, p,128). Antes de entrar no domínio da razão a sensibilidade²⁰, já tocou e deu vida a nossa racionalidade ética.

2.4.1- A sensibilidade é fruição

Levinas afirma que qualidade pura, da relação do homem com os elementos é a sensibilidade. E define que a **sensibilidade é fruição**, pois o ser sensível (o corpo)

¹⁹FABRI, em sua obra, **Desencantando a ontologia**: subjetividade e sentido ético em Levinas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 73, afirma que “a sensibilidade é descrita como fruição. Ela é, para Levinas a maneira da fruição. Pertencente ao registro da afetividade, a sensibilidade não se encontra na ordem do pensamento, pois nela o eu como estremece em seu egoísmo”.

²⁰ Levinas descreve que a sensibilidade já foi por muitas vezes trabalha na tradição filosófica, porém, sempre subordinada a um conceito de irracionalidade em Descartes e a separação de Kant entre sensibilidade e entendimento. Cito-o “A profundidade da filosofia cartesiana do sensível, como dissemos, consiste em afirmar o caráter irracional da sensação, definitivamente ideia sem clareza nem distinção tendo a ver com a ordem do útil e não do verdadeiro. A força da filosofia Kantiana do sensível consiste igualmente em separar a sensibilidade e entendimento, em afirmar mesmo negativamente, a independência da <<matéria>> do conhecimento em relação ao poder sintético da representação. Ao postular as coisas em si para evitar o absurdo das aparições sem que haja nada que apareça, Kant ultrapassa sem dúvida, a fenomenologia do sensível e, por si mesmo, uma aparição sem haver nada que apareça. (LEVINAS, 2008, p,128). A proposta kantiana da sensibilidade como algo que aparece sem aparecer é inspirador a filosofia levinasiana que toma-a como elemento que vai dar vida a própria racionalidade humana. É importante ressaltar que Levinas tem uma proximidade com Descartes, que tem fontes cartesianas nas suas inspirações filosóficas.

concretiza a *maneira de ser*, ou seja, o meu estar no mundo é fruto de um corpo que sente, que é autoafetado pelos objetos que alimentam a vida interior.

A sensibilidade é o ato próprio da fruição e não um momento da representação. A sensibilidade desperta o agir do sujeito que está aberto ao conhecimento ou como afirmamos anteriormente a um conhecimento sempre atual. Vivenciamos as coisas, os objetos, sem nos preocupar com sua objetivação, pois a nossa sensibilidade é alimentada por dados sensíveis, que sempre estão despertando a nossa necessidade. “Uma existência que tem esse modo é o corpo, ao mesmo tempo separado do seu fim (isto é necessidade) – mas que vai em direção ao fim sem ter de conhecer meios necessários a obtenção deste fim” (LEVINAS, 2008, p,129). É o corpo que localiza a minha sensibilidade, toma o mundo como alimento, como vida própria, que anima, inspira o meu viver de, o meu fruir no mundo, sem precisar de um utensílio para sua realização.

Levinas se preocupa em demonstrar que a sensibilidade é da ordem da fruição e não da experiência, não pertence à categoria da consciência de. Assim, é importante ressaltar que a sensibilidade é o próprio movimento da fruição e que sua “ação própria consiste na fruição, através do qual todo o objeto se dissolve em elemento em que a fruição mergulha” (LEVINAS, 2008, p. 129). Desta forma, é a sensibilidade que alimenta o sujeito no mundo, ela é a via de acesso que nos possibilita a nossa alimentação. A terra é o lugar que me encontro já me basta para a minha fruição e existência, não tem compreensão do todo de forma absoluta, mas os elementos e a realidade que me encontro me alimentam, me saciam sem ao mesmo eu ter consciência do universo, das leis da física, das teorias, pois “A terra que me sustenta, sustenta-me sem que eu me preocupe em saber o que é que mantém a terra” (LEVINAS, 2008, p,129). O autor quer demonstrar que o homem não precisa de superes estruturas para fruir a vida, que o cotidiano, o pequeno universo das minhas vivências me dá base, e fundamenta a gratuidade da minha existência. “Este pedaço do mundo, universo do meu comportamento cotidiano (...) este horizonte em que vivo, de tudo isso contenta-me com a face que me oferecem “(LEVINAS, 2008, p,130).

Horizonte de possibilidades de vivências, que não são condicionados por um pensamento teórico, consciente, mas que vivo, desfruto de sua alegria, sem precisar estar objetivando estes horizontes, pois, “acolho-os sem pensar neles. Fruo deste mundo de coisas como de elementos puros, como qualidades, sem suporte, sem substância”. (LEVINAS, 2008, p,130). Este mundo, que nos relaciono, que tenho minhas vivências,

me abre a possibilidades de relações, pelo simples fato de me manter no mundo, de estar no mundo. Mantenho-me no mundo de forma absoluta, o meu eu egoísta. A terra o lugar que me suporta, não está apenas me suportando, mas me possibilita a experiência com os objetos que ai se encontram. Este lugar me dá a relação primeira, anterior ao pensamento.

O corpo me dá a posição no mundo, o meu eu tem compromisso, com o lugar, com a proximidade dos objetos que me dão a alegria de viver. Uma relação comigo mesmo, consciência pura, sincera com o mundo. “Sou eu próprio, estou aqui, em minha casa habitação, imanência no mundo. A minha sensibilidade esta aqui. Não há na minha posição o sentimento da localização, mas a localização da minha sensibilidade” (LEVINAS, 2008, p. 130). O sujeito sensível é pura imanência, interioridade, é o corpo que define o ser humano, como imanente, e a sensibilidade como fruição me dá elementos que possibilitam a nossa localização sempre atual, espontânea e presente. Portanto, a fruição nos dá acessibilidade ao mundo, à sensibilidade que me liga nos localiza²¹ no mundo, que me acolhe sem precisar dar sentido a minha localização. Sensibilidade sempre dinâmica, que me provoca os questionamentos da vida, mas ingenuidade de um eu irrefletido.

A sensibilidade não esta permeada de loucura, ou como se fosse uma razão cega, pois, ela vem antes da razão. Mas, é a subjetividade do ser a característica que define o ser humano como um corpo próprio. “A sensibilidade representa a própria separação do ser separado e independente” (Levinas, 2008, p, 130). Logo, ela define o eu como interioridade, mas também põe a razão em movimento, chamando sua atenção para as vivencias que nos escapam do domínio da teorização, pois a sensibilidade segundo ele, “não é um pensamento que se ignora” (Levinas, 2008, p,131). Mas ela dá vida à razão, dá valor ao sujeito singular.

Mas o que é sentir? Segundo Levinas “contentar-se sinceramente com o que é sentido, fruir, recusar-se aos prolongamentos inconscientes, ser sem pensamento, quer dizer, sem segundas intenções, sem equivoco, romper com todas as implicações – manter-se em sua casa” (Levinas, 2008, p,131). Compreende-se então, que sentir é justamente ser sincero com aquilo que fruímos; ser sem intenções, isto é, sem estar

²¹ “Tocando um mundo sem horizontes, sem limites ainda não iluminado intelectualmente, a sensibilidade se localiza, toma pé. Não pensa a sua localização. Antes do pensamento de localização graças à anterioridade da sensibilidade que se localiza a **localização do pensamento**. Assim, antes da experiência de consciência, há um “banho” na imanência. O eu não é ainda sujeito que pensa: não sabe distinguir se toca ou é tocado” (SUSIN, 1984, p. 41, grifo do autor).

enraizado aos traumas do passado, em pensar naquilo que poderíamos termos feito e não o realizamos, ou talvez, nos angustiamos ao tentar entender aquilo que foge da compreensão humana. Sentir é justamente, estar com o corpo nu indigente, mas que me oferece a minha casa, o meu interior, que me faz no fundo ser verdadeiro comigo mesmo, com a fruição espontânea do “ponto zero”. Sentimento puro, que é fabril do meu estar no mundo, que dá sentido a existência humana, que faz reconhecer-me como um ser especial e único.

Não refletimos cada um dos nossos atos, e se o fizéssemos, perceberíamos que nossa relação com o mundo é infinita. A consciência da fruição não reflexiva é irreflexiva, não intencional, isto é, que se constitui na originalidade da fruição, ou seja, a consciência é pura ingenuidade. Mas o que é a vida? A vida é vivência, gozamos dela sem ao menos nos perguntar, ou racionalizar sobre os seus conteúdos. Desta forma, segundo Levinas “É a vida no sentido em se fala de goza a vida. Fruímos do mundo antes de nos referirmos aos seus prolongamentos: respiramos caminhamos, vemos, passeamos”. (Levinas, 2008, p,131). Portanto, viver de, não precisa estar ligado a uma realidade inteligível, mas a um dado sensível, que é alimento, alegria de viver. Fruição é sentir a vida, gozar da gratuidade de nossa existência, um olhar positivo para a sensibilidade é definir o sujeito imanente, sem carências, que é capaz de acolher o outro, não por necessidade, mas por desejo.

CAPÍTULO III – FRUIÇÃO E SEPARAÇÃO

3.1- Introdução:

No terceiro capítulo desenvolveremos a reflexão sobre o conceito de *Fruição e Separação*. Noções que vão demonstrar que a gozo no mundo se dá num ser separado, egoísta, e que define como um sujeito único. Assim, será mostrado primeiramente que a fruição se dá no campo da dependência. Ou seja, mesmo que sejamos seres subjetivos, singulares, sou um ser dependente do mundo, pois este mundo me proporciona o alimento. Levinas, alerta para que o eu egoísta, não caia na tentação do eu absoluto do eu posso, e caia no anonimato do ser, é importante elencar que a felicidade do gozo é limitada, e este fruir sempre se dá na forma original, pois é a necessidade de saciar do mundo. Assim, precisamos ter um olhar atento à vida, ao fruir da vida e ao amor da vida. Este ser que frui da vida, ama a vida, logo, precisamos entender que a vida é um presente, e que devemos construí-la a partir dela mesma. Pura gratuidade, pura sensação, que não pode ser projetada. E por fim, o ser que frui o mundo é um ser separado, isto é único, que precisa estar ao mesmo tempo aberto e fechado, que é fruto do ateísmo, e tem no momento presente o conhecimento atual. E tem na própria vida interior à abertura para outro e que acolhe o outro por uma escolha, por uma responsabilidade que só pode ser verdadeiramente sincera num ser separado.

3.2- Fruição e Dependência:

A subjetividade do sujeito que frui no mundo, fruição egoísta de um ser separado, revela a sua singularidade, mas também a imanência de um ser que tem necessidades. Levinas percebe que existe um dinamismo na relação entre o eu (economia) e o mundo (alimento). Tal dinâmica revela a independência da sua fruição, ou seja, ser feliz, fruir no mundo é uma experiência única e pessoal. Mas também, demonstra que este eu é dependente de uma alteridade (Mundo-Outrem) para construção de sua vida interior, por

que se alimenta no mundo e é um ser de relação inter-humana, do frente a frente com o Outro.

Existe, portanto, um movimento para si da fruição, da felicidade, que revela, de certa forma, a suficiência do eu “suficiência do viver de”, pois para Levinas o “eu é felicidade, presença em si sem dúvida. Mas suficiência na sua não-suficiência permanece no não-eu, é fruição de outra coisa, nunca de si” (LEVINAS, 2008, p.135). A felicidade é o cume da vida interior, é a expressão mais aguda da suficiência do eu, porém, tal independência é uma suficiência na não-suficiência, pois a fruição é alimentada no não-eu, ou seja, o eu se alimenta no mundo. Logo, há este jogo de relações que formam a interioridade do humano²². Porém, precisamos compreender a felicidade de forma separada e independente, para que sejamos capazes de entender o ser feliz do eu. Pois, na relação entre o eu e o não-eu, conserva-se a felicidade singular, que proporciona a fruição, a satisfação no ato de alimentar-se, força vital que dá vida a interioridade²³ do sujeito.

No pensamento filosófico de Levinas percebemos seu compromisso moral em reconstruir o conceito de *humano*, é preciso repensar o humanismo do outro homem²⁴. Logo, há dois momentos importantes na constituição da subjetividade levinasiana. Primeiramente, conceber um sujeito a partir de uma vida interior, isto é, na sua imanência. Mas, entender num segundo momento que este sujeito é transcendência, exterioridade, que existe a relação inter-humana, o *face-a-face*, que questiona a unicidade do Eu. A preocupação da pesquisa do nosso trabalho dissertativo é compreender este sujeito imanente, que tem na carne sensível a possibilidade de uma

²² Tal jogo esta associada a um paradoxo em Levinas, ao mesmo tempo em que ele pretende criar um sujeito separado e autossuficiente. Demonstra que as necessidades revelam que o ser humano é um ser dependente. Ou seja, somos dependentes do mundo pela nossa dimensão corpórea. Porém, somos autossuficientes à medida que gozamos no mundo, fruimos da vida e somos felizes.

²³ “A felicidade – produto da relação – é emancipação, liberdade. “É livre quem é feliz”, que é pleno em si mesmo não pelo ser em si, mas pela felicidade, pelo contentamento”. (SUSIN, 1984, p. 43-44).

²⁴ Levinas descreve em sua obra *Humanismo do outro homem*. Trad. Pergentino S. Pivatto. 4ª ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012, p. 53. A importância da constituição da unicidade do Eu (Moi) que seja capaz de responder por si mesmo. Mas também, que seja capaz de descobrir a Moralidade como uma orientação para sua ipseidade. Assim, descreve “Ser Eu (Moi) significa, a partir daí, não se pode furtar à responsabilidade, como se todo o edifício da criação repousasse sobre os seus ombros. Mas a responsabilidade que esvazia o Eu (Moi) de seu imperialismo e de seu egoísmo – seja ela egoísmo da salvação – não o transforma em momento da ordem universal, porém, confirma a unicidade do Eu (Moi). A unicidade do Eu (Moi) é o fato de que ninguém pode responder em seu lugar. Descobrir para o Eu (Moi) uma orientação assim, é identificar Eu (Moi) e moralidade. O Eu (Moi) diante do outro é infinitamente responsável. O Outro que provoca esse movimento ético na consciência, que desordena a boa consciência da coincidência do Mesmo consigo próprio, comporta um excesso inadequado à intencionalidade”. Desta forma, percebemos a preocupação do filósofo em constitui um sujeito, separado (unicidade do Eu) para o acolhimento e responsabilidade para com o Outro. A intencionalidade da fruição é orientada pelo Outro, que provoca uma consciência ética, e questiona a tranquilidade do mesmo.

abertura para o outro. Pois, a estrutura da fruição definida como sensibilidade, permite construir um sujeito em sua casa, na sua morada, pois a alegria de viver é individual é puro egoísmo do eu, “A morada, a habitação, pertence à essência – ao egoísmo – do eu” (LEVINAS, 2008, p.136). Logo, a interioridade do humano é constituída a partir da subjetividade egoísta do eu, pura imanência de um sujeito *existente* que vive no mundo e na luz do mundo²⁵.

A fruição não é abalada pelo horror do *há* anônimo, mas ao contrário, afirma e constitui o eu na sua morada, na fruição da felicidade. Pois, na relação com o não-eu, o eu frui na sua suficiência, pois ele é único e única é sua presença diante dos objetos. Isto é, a vida da fruição é uma experiência subjetiva intransferível a outra pessoa. Ao agir no mundo, o eu age interrompendo o tempo, marcando posição do eu como por meio de começos. E o começo segundo Levinas, “só é possível por meio da **ação**.” (LEVINAS, 2008, p.136, grifo nosso). É através do agir no mundo, que o eu se revela, é como se todo o amanhecer de um novo dia fosse uma oportunidade de recomeçar, este presente sempre vivo nos proporciona novas fruições, que vão se manifestando à medida que nos alimentamos no mundo.

O que está na essência da independência do eu, é o fato que ação, como vimos, marca a habilidade do seu tempo, isto é, o começar, mas, segundo Levinas, as incertezas do futuro, “lembram-lhe que a sua independência implica uma dependência”. (LEVINAS, 2008, p.136). Esta afirmação parece-nos ambígua, dúbia, porém, o que o autor quer explicitar é que o eu não pode ser compreendido de modo algum como absoluto, pois há sempre a necessidade da saída de si, para satisfação. O eu da fruição vivencia os fenômenos de forma imperfeita, nunca na sua totalidade. O eu que pretende constituir um mundo a partir de um pensamento universal, esbarra na sua própria insuficiência e, também na sua dependência com relação ao outro e o mundo. Enfim, que revela que este eu é dependente, pois o ser feliz no mundo esta associado à própria presença no mundo e não no sentido de possuir os objetos e de racionalizar o ser no mundo. Pois, revela que: “O retorno de todos os modos de ser ao eu, a inevitável subjetividade que se constitui na felicidade da fruição não instaura a subjetividade absoluta, independente do não-eu. **O não-eu alimenta a fruição e o eu tem**

²⁵ Levinas em sua obra *Da existência ao existente*. Trad. Paul Albert Simon, Ligia Maria de Castro Simon. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998, p. 53. (grifo nosso), já nos coloca alguns pontos desta relação do sujeito com o mundo e no papel da fenomenologia de refletir sobre o sentido do fenômeno. “A luz que preenche nosso universo (...) é fenomenologicamente a condição de fenômeno, isto é, do sentido: *o objeto ao mesmo tempo que existe, existe para alguém*, é lhe destinado, já se inclina sobre um interior e, sem se absorver nele se dá”.

necessidade do mundo que o exalta” (LEVINAS, 2008, p.136, grifo nosso). A construção da subjetividade é sempre atual, é puro presente, é pura afirmação da vida interior, porque não existe uma subjetividade absoluta. Pois, a felicidade é o reafirmar do alimento que não é eu. O não-eu alimenta a nossa fruição e, o corpo nu e indigente tem necessidade do mundo não como utensílio, mas como alimento, que nutre e sacia a vida.

Podemos entender então, que a liberdade da fruição é limitada, pela insegurança *genesis* da fruição, isto é, de não termos garantia da “alegria” e nem mesmo da “felicidade”. A fruição tem como pulsão (intenção) o desconhecido no elemento, assim o fruir pode ser uma hipótese de um choque feliz. Mas, tal hipótese não nega a plenitude da fruição, pois ela não é calculada pela qualidade de ser, mas é “uma exaltação, um cume que ultrapassa o puro exercício de ser.” (LEVINAS, 2008, p.136). A fruição independentemente da objetivação, da racionalização, já está no sujeito, dom da gratuidade da nossa existência, nos é dada num mundo já existente, que é alimento, é lugar, é casa, é morada. Há um ritmo sempre constante e atual, entre a satisfação e a necessidade, a felicidade na fruição se encontra neste contexto, mergulhada neste tomar o alimento e ir ao encontro dele. Assim, segundo Levinas a “felicidade da fruição floresce sobre o <<mal>> da necessidade e depende assim de um <<outro>> encontro feliz, possibilidade” (LEVINAS, 2008, p.136). A fruição dada no mal da necessidade nos faz compreender os limites existentes no nosso fruir, sempre vivenciado no tempo presente. Na fruição há uma dependência, uma alteridade, seja do mundo ou do Outro, este encontro é definido como possibilidade da felicidade. Ser feliz no ser é estar atento para não ser esmagado pelo pensamento totalitário, a felicidade brota da carne sensível, como esperança, num mundo capitalista que nos exclui pelo capital o direito de ser feliz. Mercado excludente que tem a felicidade como marketing e não como vida subjetiva, como amor e respeito às diferenças. A incerteza da felicidade nos faz caminhar, fruindo das dores e dos amores, pois a vida interior não é fruto de um projeto, mas da sensibilidade que foge na noite escura do domínio da senhora razão e volta no amanhecer questionando as certezas de um pensamento permeado pela filosofia do Mesmo.

Portanto, incerteza da felicidade-fruição é o vazio que alimenta o apetite e a busca pelo alimento, tocar o sensível se dá também na necessidade, que afirma e marca a singularidade, a subjetividade. Viver de, é também saber que daquilo que se vive a vida pode faltar-lhe. Portanto, a necessidade, choca, limita o sujeito, mas também o faz

caminhar e a compreender a sua caminhada, humana e corpórea “na fruição o eu apenas se cristaliza” (LEVINAS, 2008, p.137).

3.3- Fruição, Amor e vida:

É relevante saber que, para Levinas o ser humano é um cidadão do paraíso, isto é, tem a terra como lar, um *éden* e, este “estar” no mundo é uma presença no paraíso. E até mesmo, a própria consciência da necessidade pode ser entendida como um vazio, uma falta, encontra-se já no âmbito da fruição. Fruir no mundo é alimentar-se da alegria, da satisfação, mesmo a dor e sofrimento nos proporciona a consciência da vida, o viver de, é como se a própria vida profetizasse: Estamos vivos! alegra-te! Assim, “a dor, longe de pôr em questão a vida sensível, coloca-se nos seus horizontes e refere-se à **alegria de viver**” (LEVINAS, 2008, p.137. grifo nosso). O cidadão do paraíso tem na sua vida interior todos os horizontes que a própria vida proporciona, o fruir no mundo é amar a vida, logo, para Levinas “**a vida é amada**” (LEVINAS, 2008, p.137. grifo nosso). Não existe vida sem dor, sem sacrifício e estes elementos dão sabor e tempero a nossa existência.

Porém, a vida nos apresenta situações que não nos agrada e situações que nos causam alguma revolta. Mas, não temos como negar o alimento, que alimenta a vida interior do sujeito. Viver a vida é viver do que se vive, podemos discordar do gosto da mordedura dos elementos, mas não da sua nutrição. Pois, segundo o filósofo, “Toda a oposição à vida se refugia dentro da vida e se refere aos seus valores”. (LEVINAS, 2008, p.137). Não há como fugir da vida, pois todo o descontentamento sobre a vida se refere aos seus próprios valores. Fruir da vida é compreender que a vida nos fala e nos proporciona, um olhar mais amoroso para própria vida. “Eis o *amor da vida* harmonia preestabelecida com o que simplesmente nos vai acontecer” (LEVINAS, 2008, p.137, grifo do autor). Viver a vida harmoniosamente é fruí-la sem estar amarrado a um pensamento que a manipula ou a diminui do seu valor existencial

Não há em Levinas uma facticidade, ou a filosofia do cuidado do ser, como em Heidegger, pois tal filosofia reduziria a uma ontologia. O que ele está propondo é uma nova relação, com ser, “O **amor da vida** não ama o ser, mas **a felicidade do ser**” (LEVINAS, 2008, p.137, grifo nosso). Já sou feliz por viver no ser, e não tenho como

fugir desta constatação. É como se perguntasse a qualquer pessoa no seu senso comum. O que você deseja para sua vida? É como se a resposta fosse automática, <<eu quero ser feliz>> e este ser feliz, ou ter uma vida feliz, é o elemento que nos orienta nos guia em direção a uma nova relação positiva com o ser. Assim, a felicidade do sujeito no ser é que nos alimenta e nos dá o amor, que é alimento da vida. De forma bem pontual, o que Levinas quer nos dizer que ser feliz é amar a vida, logo, a felicidade do ser vai ser realizada no amor a vida. “A vida amada é a própria fruição da vida” (LEVINAS, 2008, p.137), saborear o mundo é contentar-se com o contentamento, mas também com o próprio descontentamento. Pensamos que amar a vida não é nem representá-la e nem fazer uma reflexão sobre ela, é simplesmente vivê-la, pois a vida gera vida, gratidão, amor próprio e acolhimento ao Outrem.

A vida nos proporciona o alimento que fruímos sem nenhuma assunção, ela não pede um lugar para dar os elementos a nossa consciência, ela simplesmente fala, sem ter uma oposição radical. Pois, a vida se alimenta do sensível, que é fruição, que é passividade, não nos pede autorização, ou permissão para fruir no mundo. A vida se afirma por si, se dá repentinamente e não temos domínio sobre a sua fruição, pois ela “atinge um mundo que não tem *segredo* e nem *estranheza verdadeira*” (LEVINAS, 2008, p.138, grifo nosso). Na fruição original, existe uma inocência perfeita, que não se opõe a nada, e por não se opor a nada ela basta-se, desde o seu fruir. “Instante ou passagem, êxito do *carpe diem*” (LEVINAS, 2008, p.138. grifo do autor). Este instante que nos proporciona a alegria do viver de, sempre no momento presente, amor da vida que renasce e floresce no agora fruindo positivamente da vida, eis a beleza do *carpe diem*. Fruir não é ter a vida sobre seu controle racional, representativo, mas se perder no esboroamento da duração, ou seja, a fruição não é ter “experiência eterna”, mas é amor pelo hoje, o agora, um fruir sempre novo e atual, que perpassa a consciência da duração e do tempo.

Mas, como caracterizar a necessidade a partir da fruição da vida? Segundo Levinas “não poderá, pois caracterizar-se nem como liberdade, dado que é dependência, nem como passividade, porque vive daquilo que, já é familiar e sem segredo, não os *escraviza mas o alegra*” (LEVINAS, 2008, p.138, grifo do autor). O autor inicia sua reflexão sobre a característica da necessidade trazendo ao debate os filósofos da existência, que tem no abandono, a reflexão sobre a oposição que surge do eu e a sua alegria, ora pela indeterminação do futuro ou pelo esforço inerente do trabalho. “Na sua oposição ao ser, o eu pede refugio ao próprio ser”. (LEVINAS, 2008, p.138). O eu no

mundo é um estar no mundo (presença), a oposição ao mundo se dá no próprio ser no mundo. Para Levinas, o sujeito não é um ser jogado, lançado no mundo tragicamente, mas é um ser feliz no ser, no seu paraíso, no seu lar, que não o escraviza, mas o alegra, portanto, viver de é uma alegria de viver.

Levinas, ao exemplificar que a vida é temperada por dores e incertezas, que alimentam e angustiam o nosso estar no mundo, dá como exemplo o suicídio como uma solução trágica aos problemas que a vida nos presenteou desde o momento em que nascemos. Para, ele, o ato de tirar a própria vida é incapaz de “humilhar os valores da terra” (LEVINAS, 2008, p.138). Pois, o universo não acaba com a minha morte ele continua, e os problemas também, o estar no mundo termina somente para mim. Não existe um olhar negativo sobre a morte, mas sim a tomada de consciência que este Ser, o Universo não se rompe junto com a vida, mas revela um amor à existência. Sobre o sofrimento no ser, o autor descreve:

O sofrimento, ao mesmo tempo, desespera por estar acorrentado ao ser e gosta do ser o que está preso. **Impossibilidade de sair da vida.** Que tragédia! Que comédia! O *taedium vitae* mergulha no amor da vida que rejeita. O desespero não rompe com o ideal de alegria. (LEVINAS, 2008, p.138. grifo nosso).

O sofrimento e o desespero são frutos de um sujeito que está acorrentado a um pensamento ontológico, que tem no ser a sabedoria da aparência, preso à filosofia do Mesmo, racionalização da vida humana. Levinas pretende é dar um novo olhar para vida finita, a presença no mundo é uma dádiva, um presente, e a existência se dá na alegria da vida e na impossibilidade de sua saída, isto é, o amor da vida supera a tragédia da vida – *taedium vitae*. Portanto, o desespero e o sofrimento é um mero detalhe da própria existência, que não compromete com o ideal da vida humana que é alegria de viver e de fruir no mundo, de ser um sujeito feliz no ser.

A necessidade não é saciada pela anorexia, isto é, pela falta de apetite, mas é alimentada na satisfação, no saborear e alimentar-se do mundo, na busca e na realização deste apetite sempre novo. Pois, segundo Levinas “a necessidade ama-se, o homem é feliz por ter necessidades” (LEVINAS, 2008, p.139). A vida é necessidade, a felicidade é necessidade, pois ela é o combustível da fruição, da sensibilidade do ser imanente. Pois, como buscaria a satisfação, o alimento, se não tivéssemos necessidades. O corpo indigente e nu é um corpo com necessidades, que precisa alimentar-se da realidade terrena “a indigência possa marcar o prazer da satisfação, que em vez de possuímos a

plenitude pura e simples tenha acesso a uma fruição através da necessidade e do trabalho” (LEVINAS, 2008, p.139). Portanto, somos felizes porque temos necessidade, ela marca o prazer da satisfação como pura plenitude, que questiona os limites do conhecimento humano, que nos revela a primeira saída de si para que tenhamos acesso à fruição, não como certeza, mas como possibilidade.

O trabalho²⁶ é o elemento que pode amparar a indigência, isto é, o ser com necessidade tem nele, a possibilidade de combater a incerteza do futuro, na passagem da fruição na fabricação das coisas. “Mas o próprio trabalho, graças ao qual vivo livremente defendendo-me da incerteza da vida, não traz à vida a sua significação última” (LEVINAS, 2008, p.139). O trabalho é um dos elementos que possibilitam a construção e a garantia de um futuro incerto, porém não nos revela a vida na sua plenitude, mas de alguma forma contribui para que o sujeito crie significados da sua própria existência. O trabalho é a *vocação* do homem no mundo com o qual ele retribui com as suas forças a gratuidade da sua existência. O trabalho “torna-se também aquilo de que vivo” (LEVINAS, 2008, p.139), ou seja, alimento, que alimenta minha vida. “Vivo de todo o conteúdo da vida – mesmo do trabalho que assegura o futuro” (LEVINAS, 2008, p.139). Portanto, o trabalho é um conteúdo da vida, que me proporciona alegria e não a escravidão no ser. Não podemos deixar que seus conteúdos destruam o nosso amor pela vida. É preciso fruir do trabalho, assim como fruímos do ar, da luz e do pão. Dar sentido à nossa existência no mundo é exercer de forma feliz a nossa existência corporal. Ser feliz no ser depende também, de uma postura de condenação ao trabalho maldito que explora os trabalhadores em todo o mundo. Os corpos nus e indigentes dos trabalhadores no mundo pedem socorro, pois é triste acreditarmos que existam trabalhadores que vivam em realidades sub-humanas, escravas de um sistema de exploração, da violência contra o Outro. Esta realidade de exclusão é fruto da injustiça de um pensamento totalitário, que esmaga o diferente, o frágil, os sem vozes, que estão esquecidos, nos novos “Auschwitz” vivenciando os horrores de um pseudo-holocausto aos indigentes excluídos, jogados nas sarjetas da indiferença. Ao resgatar, o amor à vida, Levinas quer resgatar o direito ao discurso das vozes singulares, que querem evadir-se do anonimato do ser, mostrar que a vida é uma

²⁶ Para melhor descreve o conceito de trabalho cito Fabri “O trabalho não é transcendência, mas uma forma de domínio sobre o futuro que apazigua o murmúrio anônimo do *Il y a*. Nesse sentido, o trabalho é uma espécie de contra-movimento em relação ao enraizamento e à compreensão da linguagem originária do ser”. (FABRI, 1997, 71, grifo do autor).

dádiva, mas também promotora de uma sociedade justa que garante o dom da vida na sua plenitude.

3.4- Fruição e Separação

A Separação é o elemento radical da vida interior do sujeito levinasiano, é preciso compreendê-la como um ateísmo original, uma independência absoluta entre o eu e o mundo. O egoísmo da fruição tem a função de estremecer e chocar a minha presença no mundo, assim, a separação²⁷ marca a subjetividade na carne sensível, o alimentar-se dos conteúdos da vida, se dá num sujeito único. Existe desta forma, um sujeito separado comprometido com sua vida interior, sendo o viver de uma ação positiva da sua presença no mundo. Logo, este “Estar separado é estar em sua casa” (LEVINAS, 2008, p.139), ou seja, na sua vida interior. Fruir no mundo, do elementar é alimentar-se no mundo, sem dever ou obrigação da certeza, do inteligível, da representação como uma verdade inquestionável. Os objetos têm a função de alimento, pois neles há um reencontro do eu, assim, “O alimento não é irrepresentável, subtende a sua própria representação, mas nele, o **eu reencontra-se**” (LEVINAS, 2008, p.140, grifo nosso). O mundo como alimento, dado num ser separado, alimenta a representatividade que já se encontra nesta relação eu-mundo. Porém, Levinas descreve que a representação é fruto da interioridade, da vida econômica, mas é preciso também, compreender a questão causa-efeito, criatura-criador, construindo a separação no puro egoísmo do eu, de forma absoluta, na imanência pura do sujeito. Pois, o mundo que pertence à representação, que condiciona o ato de representar, é também uma maneira de ser daquele que se põe. A representação é fruto de um sujeito separado, pura solidão, mas é também, obra dos objetos que alimentam a constituição do saber humano. Pois, segundo Levinas, “O vazio absoluto, o nenhures onde se perde e onde surge o elemento, bate de todos os lados à ilhota do Eu que vive interiormente” (LEVINAS, 2008, p.140). Assim, não tem como negar que este eu interior é surpreendido por elementos e conteúdos da vida que nos cercam e chocam a segurança da representação. Logo, o eu é alimentado pelos

²⁷ “Levinas aprofunda a ideia de independência num ateísmo original. A paradoxal separação na qual se estrutura o **eu** como interiormente radical e absoluta não é apenas uma separação **eu-mundo**, mas também separação **causa-efeito** e **criatura-criador**”. (SUSIN, 1984, p.46, grifo do autor)

dados sensíveis que nos questionam e nos saciam com novas sensações, corpo nu e indigente, pura exposição de um ser separado.

A interioridade da fruição tem como propriedade uma condição psicológica, ligada ao sensível, que não está atribuída a vida consciente do sujeito. O mundo sensível é a casa, a morada da separação, “*a interioridade da fruição é a separação em si*”. (LEVINAS, 2008, p.140, grifo nosso). Na separação compreendemos a fruição da carne sensível, do corpo nu e indigente, como economia e interioridade de uma subjetividade, própria e imanente²⁸. Assim, a própria felicidade como um elemento da presença no mundo, só é capaz de ser realizada nessa singularidade. Tal felicidade é uma *genesis* da individualização do ser egoísta, “a individualização em si, só se concebe a partir do interior, pela interioridade” (LEVINAS, 2008, p.140). O ser separado tem na felicidade uma vivência própria, pura subjetividade que o constitui como sujeito que frui no mundo. Logo, entendemos que ser feliz é uma experiência subjetiva, puro egoísmo do eu, solidão que constitui a nossa interioridade a partir de corpo próprio. É na felicidade da fruição que se constrói a individualização, a personificação do eu, a independência de si, um sujeito que toma a responsabilidade ética como uma escolha subjetiva, sem estar enraizado a um pensamento, a uma lei²⁹. O humanismo do outro homem é constituído a partir de um eu interior, que é capaz de acolher a alteridade, sem se perder no anonimato, marcando a sua singularidade. A existência do eu no mundo não é uma perda no pensamento totalitário, que destrói toda a diferença, mas é a voz singular e subjetiva, como direito de expressão, esperança encarnada, discurso da consciência singular, revendo o seu lugar ao sol, não como um direito a ser adquirido, mas como um chofre que questiona e reconstrói conceitos que o idealismo deixou de lado ou ignorou como importante para filosofar e a própria felicidade humana.

O conceito de felicidade em Levinas está diretamente associado à vida, ou seja, a gratuidade da nossa existência. Ser feliz no ser é reconhecer de forma positiva o presente do nosso nascimento, de termos rompido com a eternidade tranquila da nossa existência seminal e uterina. Então, como podemos compreender a relação do eu (casa),

²⁸ “Pode-se dizer que em Levinas a representação não condiciona a consciência. A representação já é algo representado pela vida. Ser separado é estar em casa ou alhures: é viver economicamente, separado de qualquer fatalismo ou poder exterior”. (FABRI, 1997, p. 59).

²⁹ CHALIER em seu livro, **Por una moral más allá del saber : Kant e Levinas**. Trad. de Jesús María Ayuso Díez. Madri: Editora Caparrós, 2002, p. 45 “Levinas, diz que não convém começar pela universalidade, porém ir para ela a partir da inquietude moral, suscitada pela vida das singularidades, vida precária a mercê sempre da violência dos princípios, por muitos generosos e dignos de apressos que sejam. A obrigação moral, não ancora, pois, segundo ele, na consciência de um princípio universal e sim que surge frente à vulnerabilidade de cada homem”. (Tradução nossa).

com a Terra (paraíso) dando um olhar positivo para a nossa existência finita e nossa presença no mundo? É pela fruição, que nos sentimos vivificados, nos ressuscitando das formas vazias de pensamento, nos doando o tempero, o sabor da vida e o agradecimento sincero pelo nosso existir. A fruição nos põe a caminhar, na construção de uma existência significativa e enriquecida de aprendizado, sempre aberto a novos saberes. É na fruição que nos constituímos como um ser integrado e não dividido em particularidades que me possibilitam o *carpe diem*. Pois, a própria vida nos oferece a alegria de viver, sempre no momento presente, é a fruição e a combustão para a vida interior do sujeito separado. Assim, a fruição anima a representação num presente sempre vivo, “é o passado, vivo e vivido, não no sentido em que assim se denomina uma lembrança muito viva e muito próxima” (LEVINAS, 2008, p, 140). Não estamos acorrentados ao passado, ou as suas lembranças, mas a fruição separa o hoje, o presente e nos liberta das correntes e traumas que já ficaram no próprio passado. Mas, como se dá esta libertação, das lembranças condicionantes do passado? Através da transparência da felicidade e da separação. O momento feliz é marcado pelo um voo livre dos sentidos que tem como proa, como objetivo a própria felicidade. “Liberdade que se refere à felicidade, feito de felicidade e que, conseqüentemente, é compatível com um ser que não é *causa sui*, que é criado” (LEVINAS, 2008, p.140, grifo do autor).

O eu da fruição não é determinado pela liberdade, pois esta é condição da felicidade, e de uma felicidade no ser. Pois, como elaborar uma crítica à totalidade, se estamos condicionados por este pensamento. Precisamos então rever a noção de liberdade, não como fruto de um nascimento, mas como possibilidade, **construção**. “A **liberdade** como possibilidade do começo e que se refere à felicidade – a maravilha da ora boa, que ressalta na continuidade das horas – **é produção do Eu**, e não uma experiência entre outras que <<chega ao eu>>” (LEVINAS, 2008, p.140, grifo nosso). A liberdade é produção do eu, é confirmação sempre presente da vida, ser feliz no ser é ter a liberdade como uma possibilidade e não como certeza. Levinas está apresentando a ideia de liberdade, como uma posição sempre atenta, para não cair no anonimato, na objetivação da subjetividade. O homem não nasce livre, mas constrói a sua liberdade à medida que se torna um ser feliz no mundo. Logo, a liberdade é uma construção de um ser separado, assim descreve o autor:

A separação, o ateísmo, noções negativas, são produzidas para acontecimentos positivos. Ser-eu, ateu, separado, feliz criado – tudo isso são

sinônimos. Egoísmo fruição e sensibilidade e toda a dimensão da interioridade articulações da separação – são necessárias a ideia do Infinito ou à relação com Outrem, que se abre a partir do ser separado e finito. (LEVINAS, 2008, p.141).

Pensamos que neste ponto encontra-se o cerne da proposta deste trabalho de dissertação, e também a releitura do conceito de intencionalidade proposto por Levinas. Pois, o ser separado, ou seja, a subjetividade radical se dá num ser egoísta, ateu e solitário, que frui no mundo e tem na sensibilidade o elemento que questiona a racionalização do saber humano, marcando de forma pontual o humano, na sua imanência. Ao compreendermos a dimensão da interioridade, articulada pela separação, o pensamento levinasiano, estará pronto, para abertura e o acolhimento do Outro, para a estrutura de uma filosofia da alteridade, que seja capaz, de dar solidez e bases para conceitos da exterioridade como Infinito e Outrem. O objetivo da pesquisa não é apreender a conceitos provindos da reflexão sobre exterioridade do filósofo francobelga. E sim, entender que para sustentar a noção de Infinito, o autor buscou construir a subjetividade humana na sua essência, uma racionalidade pura, que dará suporte filosófico a epifania do Rosto. Por ora, é preciso compreender que o conceito de fruição e sensibilidade se dá num ser separado (senciente), finito e imanente, resgatando a singularidade humana do pensamento universal, da filosofia do Mesmo. Logo, é necessário conceber a imanência do sujeito, para depois acolher a transcendência, pois, ir à essência mesma das coisas é compreender que o saber humano para movimento fenomenológico é obra de uma “imanência na transcendência”.

O conceito de separação em Levinas, não é uma conciliação dialética entre o eu e o não-eu, mas sim, a garantia da interioridade do sujeito como um ser separado, ateu, para que nossa ação (escolha-decisão) no mundo, seja absolutamente nossa. Que o amor ao próximo, por exemplo, não seja fruto do altruísmo ou de uma compaixão cega, mas atitude de um sujeito separado, que tem na alteridade um valor do seu eu. Mas, é necessário segundo o filósofo “que tal encerramento não impeça a saída da interioridade, para que a exterioridade lhe possa falar-lhe, revelar-lhe, num movimento imprevisível que o isolamento do ser separado não poderia suscitar por simples contraste” (LEVINAS, 2008, p.141). Portanto, o sujeito separado tem na sua ação no mundo a radicalidade do egoísmo do ser. Porém, esta ação não pode ser somente a partir do Mesmo, ela deve estar aberta a exterioridade, para poder sensibilizar nossa ação no

mundo. A hospitalidade do Outro na vida interior do eu, é produto de uma disposição interior da carne sensível, pura exposição, afecção passiva.

3.4.1 – Separação e heteronomia

A subjetividade na forma radical compreendida na pura imanência do ser é obra da separação, porém, o sujeito não é um ser só no mundo, existe uma disposição natural para alteridade, a intencionalidade da fruição como sensibilidade, traz consigo esta saída de si. Assim, a segurança do eu é abalada pela presença do Outro e pela necessidade do corpo nu e indigente, sair em busca da satisfação. Assim, Levinas enumera que é preciso três posições deste ser separado:

a) **“É preciso que no ser separado a porta sobre o interior esteja há um tempo aberta e fechada”** (LEVINAS, 2008, p.141, grifo nosso). Isto é, a vida interior do ser separado seja ao mesmo tempo fechada e aberta, pois, ao mesmo tempo em que existe a unicidade do eu, sobre a nossa ação no mundo, há também, a exterioridade que questiona os limites do nosso próprio agir.

b) **“É preciso, pois, que o encerramento do ser separado seja suficientemente ambíguo”** (LEVINAS, 2008, p.141, grifo nosso). Pois é preciso que a interioridade do sujeito expresse de forma verdadeira e real a ideia de infinito e não apenas aparentemente. Que a vida interior do sujeito seja sempre egoísta e não haja contradição por nada que lhe seja exterior. E também, tal relação com exterior não seja mera correlação abstrata, onde o eu não assuma o exterior e permanecendo somente num “jogo dialético”.

c) **“Mas é preciso por outro lado, que na própria interioridade que a fruição escava, se produza uma heteronomia que incide um outro”** (LEVINAS, 2008, p.141-142, grifo nosso). Entender que na própria interioridade da fruição existe uma construção subjetiva para a heteronomia, ou seja, a fruição como sensibilidade, nos dá elementos para abertura, para a alteridade. Ao descer e escavar a dimensão da interioridade é necessário que haja um choque, mas que não inverta o movimento da

interiorização. Isto é, que não destrua o interior do humano, mas que seja aberta para um recomeço com a exterioridade. Assim, a interioridade, para evadir-se da condição animal, de uma razão fechada em si mesmo, tem na fruição do ser separado a indicação para o acolhimento do outro.

A *insegurança* é característica da fruição que determina a sua própria singularidade, inquietude de um ser no mundo, que não tem a certeza da sua felicidade, presença no mundo que inquieta a alma e nos faz olhar para a vida finita, questionando os limites da inteligibilidade humana. Esta insegurança não é fruto da heterogeneidade, pois esta colocaria em questão a soberania do eu. Como podemos compreender então a felicidade no âmbito da insegurança? Levinas defende que a felicidade da fruição,

[...] é mais forte do que toda a inquietude, mas a inquietude por perturbá-la – eis o desnivelamento entre o animal e o humano. A felicidade da fruição é mais forte do que toda a inquietude: sejam quais forem as apreensões do amanhã, a felicidade de viver, de respirar, de ver, de sentir – (<<Mais um minuto, Senhor Carrasco!...>>) permanece no seio da inquietude, o termo que se propõe a toda evasão do mundo perturbado, até ao intolerável, pela inquietação. (LEVINAS, 2008, p.142).

A inquietude e a insegurança são superadas pela felicidade da fruição, ser feliz é superar as inquietações que possam surgir do amanhã, futuro incerto que pertence à boa sorte. A inquietude no ser, nos perturba interiormente a buscarmos a felicidade na alegria de viver, na fruição. Viver, respirar, sentir, fazem parte da felicidade do sujeito que frui no mundo sem dele se apropriar ou tê-lo para si. Queremos mais um minuto de vida, queremos gozá-la e, de alguma forma nos evadir deste mundo perturbado. Assim, define Levinas “*Foge-se da vida em direção à vida*” (LEVINAS, 2008, p.143, grifo do autor). A vida deve ser vivida na sua plenitude que é a felicidade, não temos como fugir dela, ela é condição natural de estarmos no mundo e não temos domínio sobre o seu tempo, sua duração. Levinas quer dar um olhar positivo à vida subjetiva bem como a relação com o outro, quem vivenciou os horrores da Segunda Guerra Mundial, deve ter se perguntado muitas vezes sobre o valor da vida, e como garanti-la também pós-guerra, com a tensão sempre presente na Guerra Fria, repensar a vida é direcionar a humanidade a lutar por um mundo mais justo (feliz), onde a paz reine como exercício livre da alteridade para com o outro. O autor demonstra que até o próprio suicídio é uma ação de alteridade, uma relação para com o outro, para com o mundo “Só um ser já capaz de

sacrifício é capaz de suicídio” (LEVINAS, 2008, p.142). Sacrifício interior, de se autoflagelar destruindo a si, pois não conseguiu responder aos problemas que a própria vida lhe presenteou. Mas, o sacrifício ao outro, a alteridade, será que é tão difícil vivermos e nos relacionarmos com o diferente. “Antes de definir o homem como um animal que pode suicidar-se, há de defini-lo como capaz de viver para Outrem e de ser a partir de Outrem, exterior a si” (LEVINAS, 2008, p.142). Se o suicídio é fruto de uma alteridade podemos compreender que o homem é capaz de uma relação inter-humana, de viver com o Outrem e a partir de Outrem. Onde a humanidade se perdeu, a morte é um valor mais forte do que a vida? É uma questão moral, que precisamos responder com uma racionalidade ética, integrando o Outro no nosso agir no mundo. Viver para com Outrem é acreditar que o amor e a responsabilidade são frutos de um sujeito que teve coragem de olhar para sua vida interior, assumindo-se como um ser único. Porém, na terra, no paraíso, existem outros seres únicos que podem desfrutar de suas vidas subjetivas de forma digna e feliz. Interioridade que se abre para a exterioridade não como uma dependência, mas como um desejo pelo Outrem. Amar a vida é construir com amor a humanidade no face a face, nas relações inter-humanas.

Levinas descreve que o eu no mundo e a própria humanidade devem repensar o verdadeiro sentido do termo *amor à vida*, reavaliando as relações do ser separado com o mundo e com o Outro. Desta forma, compreender que o homem levinasiano, tem falhas, tem erros, mas, busca dentro de si mesmo uma responsabilidade ética com a realidade em que se encontra. “A relação original do homem com o mundo material não é negatividade, mas fruição e prazer da vida” (LEVINAS, 2008, p.142). O homem tem na fruição e no prazer a vida, a relação original com o mundo material, uma primeira positividade que reconhece a vida humana como primeiro compromisso ético para construção de um mundo de paz e justiça, independente de pensamento, credo e cor. Pois, o prazer da vida é alimentado pela alegria de viver, de fruir no mundo onde a vida venceu a morte e o amor derrotou a guerra.

3.4.2- *Ex nihilo*

Não temos certeza da satisfação, pois a fruição como vimos é possibilidade e esta incerteza nos apresenta aparentemente um mundo hostil, que nega a conquista. Este

mundo que se apresenta inseguro com relação à satisfação não pode negar “o gozo fundamental da vida” (LEVINAS, 2008, p.142). A insegurança não é fruto da relação heterogênea e nem com relação ao Outrem, mas tal insegurança gerada no interior da fruição tem a ver com o *nada*³⁰. No nada há ao mesmo tempo uma perda do elemento, mas também seu prolongamento. A insegurança se desenha a partir da vida interior, sua criação a partir do nada. O *ex nihilo* é um momento importante para construção da subjetividade levinasiana, cito Susin:

a) A subjetividade supera a participação mítica aos elementos divinizados, à terra, às forças da natureza. O homem não se reconhece parte da natureza, não se integra nem se re-unifica a nada “Vive-se fora de Deus, em si mesmo (chez soi), é-se simplesmente ‘eu’. A alma – dimensão do psíquico – é naturalmente atéia. Com a ruptura do **eu** em relação a qualquer modo de religiosidade “natural”, é sem qualquer ligação sagrada a um fundamento. Sai-se assim do mundo encantado dos deuses, dos espíritos, do entusiasmo ou do pavor numinoso. (...)

b) Para que se faça justiça ao “ex nihilo” é necessário segundo nosso autor, que nem mesmo o pensamento esteja ligado a qualquer tipo de unidade, a nenhuma totalidade, sem “participação” a algum pensamento universal, sem cordão umbilical. O pensamento pensa “à sua medida”, é essencialmente ateu. Daqui a possibilidade de uma filosofia que, sem ser anti-teísta, seja ateuísta, a-religiosa, dando a última palavra a imanência ao ser ao mundo, sem se referir a um Deus. É uma possibilidade a ser levada a sério, que deve ser mantida. Não há “obrigação” ontológica de aderir a um Deus, nem há “provas” de Deus. Há somente o fato do “ex nihilo”. (SUSIN, 1984, p. 46-47, grifo do autor).

Logo, a subjetividade de um ser separado se dá num sujeito ateu, livre da dimensão mística e religiosa, vive-se num mundo sem Deus, onde o eu vive a sua plenitude de ser, sem medo e encantamento de um mundo habitado por deuses e divindades. O eu

³⁰ Esta ruptura entre o eu e o ser é a ruptura entre o eu e o divino, ele chama de ateísmo. Diria que com esta ruptura, Levinas chega ao extremo do ateísmo, ser ateu. Como ele mesmo diz este ateísmo é uma posição anterior a afirmação ou negação do divino, ou seja, é uma separação de toda a totalidade. Portanto, Levinas, junta esta ruptura do eu em relação a qualquer modo de religiosidade, diria – natural – é sem qualquer ligação sagrada a um fundamento. Sais-se do mundo da mitologia, do mundo do encantamento dos deuses e dos espíritos. Oe *ex nihilo* da criação “significa que o criador esta mais além e, portanto, não encontraremos nem no mundo, nem em nós nada de divino, nada sagrado. Deste modo, o *ex nihilo* assegura um total monoteísmo e este exige uma desmistificação sem limites da realidade mundana”. GRZIBOWSKI. **Transcendência e ética**: um estudo a partir de Emmanuel Levinas. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 66.

separado, interioridade sem qualquer fundamento a uma realidade sagrada, vivemos num mundo profano. A origem está no *ex nihilo*, no nada, não temos compreensão da origem do universo, das coisas, somente temos a última palavra que se dá na imanência do ser no mundo, sem referência a uma obrigação ontológica a um Deus, pois não temos provas de sua existência.

Na incerteza do futuro da sensibilidade a fruição proporciona uma abertura para a transcendência, na preocupação com o amanhã a fruição manifesta o seu movimento original. Assim descreve Levinas, “Mas abra-se assim, na interioridade, uma dimensão através da qual ela poderá esperar acolher a revelação da transcendência. Na preocupação com o amanhã, manifesta-se o fenômeno original do futuro essencialmente incerto da sensibilidade” (LEVINAS, 2008, p.143). Na incerteza da sensibilidade, há o acolhimento para a transcendência presente na própria interioridade da fruição, ou seja, no próprio sujeito imanente há a abertura para a revelação da transcendência³¹.

É preciso à constituição da morada para que o ser separado possa “reconhecer-se e ter representações” (LEVINAS, 2008, p.143). Representações que surgem a partir de uma vida interior, que é expressão, saber de uma subjetividade única. Ser morada, ser casa, é ser habitado por um ser separado que se autodetermina e produz representações. “Mas a interioridade da casa é feita da extraterritorialidade dentro dos elementos da fruição de que a vida se alimenta” (LEVINAS, 2008, p.142). A vida interior é alimentada pela dimensão da extraterritorialidade, que é consumida ou saboreada a partir da fruição é ela que tempera e dá gosto à própria vida. Assim, Levinas afirma que essa extraterritorialidade “tem um aspecto positivo, produz-se na doçura ou no calor da intimidade” (LEVINAS, 2008, p.143). Logo, existe um olhar positivo do mundo e da relação do ser com este mundo, que depende de uma intimidade do sujeito que quer se constituir no mundo, “um acontecimento na ecumênia do ser” (LEVINAS, 2008, p.143). Alteridade que se revela como doçura, não nega o eu, mas através da intencionalidade suave o Outrem se revela ao ser separado.

A obra *Totalidade e Infinito* busca ser um trabalho que tende a provar que o Outro e o Mesmo constituem-se numa relação dialética entre ambos, e não somente numa lógica da contradição entre A e não-A ou da negação de A. Tal relação é a base da unidade do sistema, em ambos depende desta relação até mesmo para constituição de sua ipseidade.

³¹ Na medida em que coloca em questão a auto-suficiência do reino do ser (...) Assim, o sentido ético só pode produzir-se como abalo da participação e como crítica ao primado da totalidade. A subjetividade separada é confirmação do finito (sem participação no infinito), da corporeidade da *vida interior* como condição da abertura para alteridade. (FABRI, 1997, p. 65).

O acolhimento do rosto é possível porque num primeiro momento há uma postura passiva, que possibilita a alteridade, assim de maneira original Levinas, descreve “na *doçura do rosto feminino*, onde o ser separado pode reconhecer-se e graças a qual ele habita, em sua morada leva a cabo a separação” (LEVINAS, 2008, p.142-143, grifo do autor). Separação que constitui a morada, que acolhe o rosto do outro, que revela uma primeira revelação do outro, habitação e intimidade da morada. Para compreender a ideia de infinito, é preciso compreender que o rosto se dá num ser separado “A luz do rosto é necessária à separação” (LEVINAS, 2008, p.143).

Portanto, no ser separado³² é que se revela a verdadeira fruição do ser egoísta, que a luz do Rosto reflete no seu próprio olhar a alteridade existente no ser que frui no mundo, e que juntamente com outros sujeitos querem construir um lugar de paz e justiça, fruto de uma alteridade presente, que questiona os limites do conhecimento humano e dá as bases e os fundamentos filosóficos para uma racionalidade ética e a abertura para o infinito e para o Outrem.

³² Levinas parece ter propiciado uma visão dramática do existir. “A fruição não tem segurança”. Só a afirmação do eu poderia protegê-lo contra a vertigem e o anonimato do *Há*. A felicidade da fruição garante a presença em si do eu. Estando em casa o eu não assume nem rejeita os elementos e a alteridade do Outro. Apenas se afirma no poder de interromper o tempo e a continuidade. (FABRI, 1997, p. 67). Mas, o que filósofo está propondo é compreender a existência no mais sincero existir humano, a sensação nos proporciona o rever e o questionar da nossa existência.

CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo compreender o pensamento fenomenológico de Emmanuel Levinas e sua crítica à intencionalidade fundada na representação. Nesse sentido, é necessário compreender o movimento não intencional proposto a partir da sensibilidade tomando-a como fruição. A sensibilidade é o elemento humano que perpassa toda a produção filosófica do filósofo franco-lituano. Assim, a sensibilidade, a vida da fruição, é a natureza humana que vai questionar os limites da razão, e os conceitos que estão permeados da filosofia do Mesmo, certezas filosóficas, que expressam um vazio de sentido na universalidade de um eu. Somos corpo nu e indigente, pura exposição de uma sensação que nos é doadora de sentido e que possibilita novos começos e novos saberes.

A ideia de sensibilidade em Levinas é a novidade, a base para compreensão do seu movimento não intencional, ou seja, sua crítica à intencionalidade Husserliana, fundada na representação. Há um método fenomenológico, que vai questionar o conhecimento humano, que se esqueceu, ou deixou de lado as sensações, os sentimentos e a afetividade humana. É preciso, resgatar a subjetividade do sujeito, sua singularidade, como promotora da evasão do ser, da luta para não cair no anonimato, é a sensibilidade que anima a racionalidade, é através dela que o sujeito reconhece o egoísmo do eu, sua separação e seu ateísmo.

O mundo para Levinas não nos é dado como utensílio, mas como alimento, há uma primeira experiência de alteridade com o mundo. Somos seres felizes no ser, há uma alegria, um viver de que nos é proporcionado pelo fato de estarmos no mundo, por existirmos. A presença do humano junto das coisas não é dada a partir de uma consciência de..., mas sim, de um viver de, a vida nos fala antes mesmo da nossa consciência teorizar nossa ação no mundo. É pela necessidade de um corpo nu e indigente que saímos da interioridade de um eu, para nos alimentarmos, para nos saciarmos dos elementos do mundo. A primeira experiência se dá pela boca, quando nossos olhos ainda estão fechados, ou seja, o sensível nos dá o sabor, o gosto, o tempero, a força vital que nos proporciona o alimento, a mordedura das coisas. A necessidade é a busca pelo alimento, é satisfação que nos faz caminhar, há uma necessidade corpórea, fisiológica que nos proporciona a primeira saída de si. A felicidade é a própria experiência da necessidade, somos felizes, por termos

necessidades, ser feliz é poder realizar a busca pelo alimento, a felicidade não é um acontecimento isolado, de um momento feliz, mas é própria condição de nossa existência no mundo. A própria tristeza e sofrimento nos preenchem, alimentam nossa subjetividade, e não negam nossa felicidade no ser. Ao exemplificar esta *felicidade*, tomo como exemplo o Mal em Santo Agostinho, tal filósofo era atormentado por uma pergunta escatológica: Se Deus é bom e criou todas as coisas, como entrou o Mal no mundo? Agostinho respondia que, Deus criou o homem e o presenteou com o livre arbítrio, e este introduziu o mal no mundo, quando pela sua liberdade afasta-se de Deus. Logo, o mal no mundo é fruto do homem que se esqueceu que Deus é puro Bem. A felicidade em Levinas, ateuísta, diga-se de passagem, é uma condição da própria existência humana, somos felizes, dádiva concedida no momento de nosso nascimento. Se nos sentimos angustiados, perdidos em pensamentos inferiores é porque nos afastamos da nossa felicidade existencial. A felicidade é a bússola que vai dar sentido a nossa existência, é o porto em que o nosso barco irá ancorar.

A sensibilidade como fruição em Levinas é a reversão do movimento da intencionalidade Husserliana. Ao estudarmos a fenomenologia levinasiana, percebemos que o autor está preocupado em constituir um método filosófico que questiona a suficiência do conhecimento humano, ou seja, os limites da razão humana. Ao propor a sensibilidade como fruição, como intencionalidade, Levinas questiona a filosofia do Mesmo, o conceito de totalidade, do idealismo absoluto. Desta forma, percebemos que no seu artigo *Ruína da Representação*, o filósofo toma a fenomenologia Husserliana, como seu método filosófico, ou seja, Levinas é definido como um fenomenólogo, e tem nos horizontes da reflexão da intencionalidade suas aspirações e temas que farão parte da sua filosofia. Tais aspirações, como estudamos no capítulo *Representação e Sensibilidade*, estão associadas ao *resgate do sensível pela fenomenologia Husserliana*, ou seja, este novo método filosófico, resgata a vida sensível do sujeito, a subjetividade, como noções de corpo próprio, sensações, que dão estrutura para repensar a singularidade humana. Outra aspiração tão importante quanto à primeira é que *a consciência se dá na presença junto das coisas*, isto é, a consciência intencional do sujeito se dá no tempo presente, o saber filosófico, depende desta relação sempre atual da consciência, o visar intencional é que move e direciona o saber. A proposta filosófica de Levinas é constituir um conhecimento que não seja fechado em si mesmo, que esteja aberto a novas possibilidades e saberes sempre renovados. Questionando a filosofia do Mesmo, de um eu absoluto, idealista que se perde no anonimato do ser. Não há

filosofia, sem representação, ou sem reflexão, mas tal representação se dá sempre no momento presente, é pura espontaneidade do mundo da vida, do fruir sem compromisso. Logo, Levinas define que natureza corpórea que melhor define a fruição é a sensibilidade. A relação verdadeira com o mundo se dá num sujeito sensível, pura exposição que acolhe o outro e o mundo. É pela sensibilidade que nos alimentamos, é ela que nos dá acesso à fruição. O corpo nos dá a posição no mundo, nos localiza como indigente e nu, que tem fome, necessidade, pura sensibilidade exposta ao outro e ao mundo. Assim, Levinas faz uma crítica ao Dasein Heideggeriano afirmando que “O Dasein em Heidegger nunca tem fome” (LEVINAS, 2008, p. 127, grifo do autor). O humanismo de outro homem toma o sujeito no seu cotidiano nas suas vivências, na ingenuidade pura, que anima a vida, alimenta a interioridade de um sujeito imanente, que tem fome, tem necessidade. Portanto, a sensibilidade é o elemento que questiona os limites da razão humana afirmando que o sujeito separado é que frui e é feliz no mundo de forma individual e subjetiva.

A fruição e a sensibilidade se dão num ser *separado, ateísta*, que frui no mundo pelo puro egoísmo do eu. Levinas quer constituir um sujeito, subjetivo, singular que acolhe a alteridade existente na necessidade corpórea como uma escolha de uma vida interior, pura imanência. O ser que frui no mundo é depende desta relação com não-eu, pois, este se constitui nesta relação. O não-eu questiona o conhecimento universal, pois revela a insuficiência da razão humana em tomar o mundo e as coisas na sua totalidade. Representação que se dá no presente, puro dinamismo do eu, que frui o mundo de forma individual, mas é abalado pela *genesis* da fruição, ou seja, a incerteza da felicidade da fruição. Fruímos do mundo sem certezas, o eu se cristaliza neste viver de, e não na consciência de. A vida fornece os alimentos do mundo sensível, vivemos do perfume das flores, do pôr do sol; sem mesmo compreender os fenômenos físicos e as suas teorias. A vida é amada, a alegria de viver é consequência de um sujeito que ama a vida. O alimento que alimenta a vida encontra-se no próprio viver, a vida gera vida, sem se perguntar de seus conteúdos. Fruir o mundo no *carpe diem*, na alegria da vida, no presente, no dia feliz e na hora feliz. A impossibilidade de sair da vida não é fundada numa angústia, onde o ser se perde no desespero da sua finitude, mas é agradecer a gratuidade de nossa existência, as dores e os amores nos servem de alimento, pois os problemas que a vida nos oferece fazem parte da própria vida que se alimenta deles. Não há graça, em uma vida onde não existam dores e sacrifícios, porém, a vitória, a felicidade alcançada na luta e na superação é mais saborosa, é o próprio tempero da

vida. Desta forma, é a separação que melhor define a subjetividade singular do sujeito levinasiano, ou seja, a intencionalidade da fruição se dá num sujeito separado. O corpo nu, indigente que frui da vida é feliz no puro egoísmo do seu eu, vida interior que constitui o eu na sua morada. O saber filosófico é a constituição de um sujeito separado que conserva a sua interioridade, que não se perde no anonimato do ser. Assim, o ser separado deve estar com a porta aberta e fechada, numa atitude ambígua entre a exterioridade e a interioridade, entre o finito e infinito, mas conservando de forma pura a decisão, a escolha de seu agir próprio. Na vida interior, no sujeito imanente a abertura para o outro, ou seja, na sensibilidade há a primeira saída para alteridade. Compreendemos que a importância do conceito de separação em Levinas resolve o problema de **origem** existente na filosofia ontológica. Para ele, o mundo, o sujeito, tem como origem *ex nihilo*, ou seja, o nada, mesmo que o sujeito se esforce para compreender a origem de tudo, ele não terá conhecimento sobre este tema, toda a tentativa de compreensão volta-se para o próprio eu. Tal sujeito separado é ateu, profano, não precisa de um Deus e de divindades, para determinar sua ação no mundo. Logo, o sujeito na separação é puro egoísmo de um eu, que frui no mundo, que não está enraizado a um pensamento ontológico, mas sim, um ser de relação, frente a frente com o mundo e com outros sujeitos, um sujeito ético.

Portanto, ao propormos a Sensibilidade como objeto de estudo no pensamento levinasiano em sua obra *Totalidade e Infinito*, constatamos que não temos como compreender seu pensamento filosófico sem o conceito de intencionalidade como sensibilidade, isto é, fruição. A vida interior, a imanência se dá num sujeito separado, sensível, que frui o mundo de forma egoísta e solitária, é um ser feliz no mundo. Tais conceitos constituem um ser singular, subjetivo, que está pronto para acolher o Outrem, luz do *Rosto* que reflete na sua própria interioridade. Entendemos que o conceito de **proximidade** é importante na filosofia de Levinas, só será possível sua compreensão a partir do conceito de *corpo*, que nos dá a localização e nossa posição no mundo através da sensibilidade, percebemos também, que o conceito de **responsabilidade** tão abordado quanto o outro, só vai ser possível num sujeito separado, que assume sua ação no mundo de forma subjetiva e singular.

Concluimos que há no tema da sensibilidade em Levinas uma abertura para pensá-la num projeto futuro na educação, pois, precisamos resgatar em todos ambientes da vida, a sensibilidade como abertura ao Outrem, mas também, como elemento capaz de humanizar a sociedade e a própria educação. Ensinando a responsabilidade ética

como um valor universal, acreditando que a Terra é um lar de todos os povos, não importando a raça, língua ou crença.

REFERÊNCIAS

Obras de Emmanuel Levinas

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**: ensaio sobre a exterioridade. Tradução: José Pinto Ribeiro. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. **Entre nós**: ensaio sobre a alteridade. Tradução: Pergentino Pivatto et al. (Coord.)5ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

_____. **Da existência ao existente**. Tradução: Paul Albert Simon, Ligia Maria de Castro Simon. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

_____. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Tradução: Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

_____. **La teoria fenomenológica de la intuición**. Tradução: Tania Checchi. Salamanca: Edicione Sígueme

_____. **Dios, la muerte y el tiempo**. Tradução: María Luisa Rodríguez Tapia. 3ª Ed. Madrid: Catedra, 2005.

_____. **De otro modo que ser**: o más allá de la esencia. Salamanca: Sigueme, 2003.

_____. **Humanismo do outro homem**. Trad. Pergentino S. Pivatto. 4ª Ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

_____. **Ética e Infinito**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, s/d.

_____. **De Deus que vem a Ideia**. Tradução de Pergentino S. Pivatto (Coord.). Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2002.

Outras referências:

ALVES, Marcos Alexandre. **Desejo: sentido originário e consciência ética no pensamento de Levinas.**[recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

CALIN, Rodophe; SEBBAH, François-David (Dir.). **Le Vocabulaire Levinas.** Paris: Ed. Ellipses, 2002.

CEREZER, Cristiano. **Da carne sensível à singularidade ética: a sensibilidade condição gênese da individuação na fenomenologia levinasiana.** Dissertação (Mestrado em Filosofia – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria), 2011.

CHALIER, Catherine. **Por una moral más allá del saber : Kant e Levinas.** Trad. de Jesús María Ayuso Díez. Madri: Editora Caparrós, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Adieu à Emmanuel Levinas.** Paris: Editions Galilée, 1997.

FABRI, Marcelo. **Desencantando a ontologia: subjetividade e sentido ético em Levinas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

GRZIBOWSKI, Silvestre. **Transcendência e ética: um estudo a partir de Emmanuel Levinas.** São Leopoldo: Oikos, 2010.

_____. **Consciência de si e proximidade: uma leitura fenomenológica da subjetividade de Emmanuel Levinas:** In: SAYÃO, Sandro (Org.). *Levinas: entre nós.* Recife: Editora: UFPE, 2014.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia.** Lisboa: Edições 70, s/d.

MACHADO, Rubens. **Verdade e Justiça na obra Totalidade e Infinito de Emmanuel Lévinas.** Dissertação (Mestrado em Filosofia –Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015).

PELIZOLLI, Marcelo. **Levinas – a Reconstrução da Subjetividade.** Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

SANTOS, Luciano Costa. **O sujeito encarnado:** a sensibilidade como paradigma ético em Emmanuel Levinas. Ijuí: Ed. Unijui, 2009.

SEBBAH, François-David. **Levinas.** Tradução: Guilherme João de Freitas. São Paulo: Estação liberdade 2009.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Sujeito, ética e história.** Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico:** uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984.